www.poeirazine.com

COME TASTE THE BAND
DEEP PURPLE

- COMIN' HOME (Bolin-Coverdale-Paice)
- LADY LUCK (Cook-Coverdale)
- GETTIN' TIGHTER (Bolin-Hughes)
- DEALER (Bolin-Coverdale)
- I NEED LOVE (Bolin-Coverdale)

zido por Martin (The Wave) Bush and Deep Purple

1975 DEEP PURPLE (OVERSEAS) LTD.

Poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

número 07 - março/abril 2005 - R$3

DEEP PURPLE

Os altos e baixos da fase Tommy Bolin

PAPPO

O ADEUS DA FIGURA MAIS EMBLEMÁTICA DO ROCK ARGENTINO

HOLLYWOOD ROCK 1975 A PRIMEIRA EDIÇÃO QUE SACUDIU O VERÃO CARIOCA

PROGRESSIVO ITALIANO E ALGUNS DE SEUS DISCOS OBRIGATÓRIOS

RAINER TANKRED PAPPON GUITARRISTA DA SCRUTINIZER EM CARREIRA SOLO

BRUFORD
Feels Good To Me
BBWF003CD

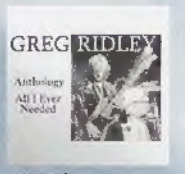
DAEVID ALLEN
Australia Aquaria
VP294CD

DEEP PURPLE
Live In Paris 1975
PUR330D

DEEP PURPLE
This Time Around
PUR321D

VOICEPRINT
THE BEST MUSIC YOU NEVER HEARD
www.voiceprint.com.br
ROCK • FOLK • PROGRESSIVE • JAZZ
PSYCHEDELIA • HARD ROCK • BLUES
John Wetton, Soft Machine, Iona,
Gong, Atomic Rooster, Asia, Fish
info@voiceprint.com.br
Tel / Fax +55 (0) 11 5533 5908
Caixa Postal 18295, São Paulo, SP, 04626-970

MOUNTAIN
Fillmore East 1970
VPTMQ014CD


Greg Ridley
Anthology
SJPCD194

TANGERINE DREAM
Brighton 1986 Live
BOOTMOON007CD

RICK WAKEMAN
At Lincoln Cathedral
HPVP104CD

So WHAT!?
CDs e DVDs
NOVOS E USADOS
COMPRA, VENDA E TROCA
Heavy metal, punk, rock em geral.
Atendemos todo o Brasil pelo correio
Galeria do Rock: R. 24 de Maio 62, Loja 366, 2° andar
São Paulo/SP, CEP 01041-000 Fone: (11) 3362-1910
www.sowhatcd.com.br

www.kingcrimson.com.br
O único site brasileiro dedicado ao Rei Escarlate

História do grupo - Discografia comentada - Letras traduzidas - Fotos
Ouça álbuns dos integrantes - Assista shows completos - Salas de bate papo

Delta Blues Bar
Desde 1992
12 ANOS DE PERSONALIDADE,
BLUES E ROCK'N ROLL
Av.Andrade Neves,2042 - Campinas - SP
F: (19)3242-8166/www.deltabluesbar.com.br

MEDUSA RECORDS

Psicodélico - Hard-Rock
Progressivo - Jazz Rock
10 ANOS DE CLASSIC ROCK
Fone/Fax:
(11) 223-9845
Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar - Loja 279 - São Paulo - SP

Music & Arts
Todos Os Sons

CDs & DVDs

Compra - Venda - Troca

musicartscds@hotmail.com

Classic Rock - Progressivo - Jazz - MPB - Blues

fones: (11) 3283-2581

Av. Paulista, 1499 - loja 68 - Galeria Trianon - São Paulo - SP

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

(11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno.kit.net

RARIDADE DISCO
raridadedisco@mailbox.as

LP's e CD's - Compra e Venda

Pç. Osorio, 333 lj. 25, gal. do Comércio
80020-010 - Curitiba/PR - F: 41-2230316

Jardim Elétrico
CDs & LPs
www.jardimeletricodiscos.com.br

Compra - Venda - Troca

Fone: (11) 3331-7937

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

SEBO SÃO PAULO sebosaopaulo@bol.com.br

CD'S - LP'S - Livros e Afins
Compra e Vendo

Rua Taquari, 35A - Mooca -São Paulo - SP
(esquina da Rua da Mooca c/ Av. Paes De Barros) - Fone: (11) 6693-0664

STONED DISCOS
POA - RS

Raros e Importados
Compra - Vende - Troca

LP's / CD's / Vídeos
DVD's e Livros

Rua Mal. Floriano Peixoto, 371 - Porto Alegre - RS
Fone/Fax: (51) 3225-5136 - stonedcd@terra.com.br

free note

Songbooks/Métodos/Vídeo-Aulas/DVDs

www.freenote.com.br - freenote@freenote.com.br

Fone:(11) 3085-4690 - Fax: 3082-6186
Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
CEP:05405-050 - São Paulo - SP

Sebo Jazz & Blues

LPs - CDs - DVDs - Camisetas - Fitas de Vídeo
Compra Venda e Troca / Novos e Usados / Todos os Estilos
Assistência Técnica em Áudio e Vídeo

Rua Teodoro Sampaio, 1071 (em frente a Pça. Benedito Calixto)
São Paulo - SP - Tel: (11) 3088-2376

RELICS DISCOS

CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados

Enviamos para todo o Brasil via correio

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 223-1602

BOCA DO DISCO
Lp's , Cd's & DVD's

Compra - Venda - Troca
Novos e Usados

Fones: (51) 3228-7053/3028-1063
Fax: (51) 3028-0753

Rua Marechal Floriano Peixoto, 474 - Porto Alegre - RS

Rock Bottom

SITE ESPECIALIZADO EM ÁUDIO/VÍDEO
(CDs/DVDs/VCDs/VHS)

Classic Rock '70
KISS
Rock Nacional '70

Visite nosso site e adquira
o nosso catálogo completo
(11)3207-6359 c/ Renato

WWW.ROCKBOTTOM.KIT.NET

Dr. Rock

A serviço e apoio constante ao Rock

dr.rock@kbonet.com.br

Caixa Postal 2052 / Cep - 09220-790
Santo André - SP

SEBO JOVEM GUARDA

A VANGUARDA EM SEBO

COMPRA - VENDA - TROCA
Pagamos à vista

LP's Rock - Jazz - Clássicos - Jovem Guarda
Bossa Nova - Sertanejo e Raridades

sjguarda@bol.com.br

Atendimento a domicílio
Loja 01: Rua da Moóca, 3401 Loja 02: Rua Pires de Campos, 20
Moóca - São Paulo - SP / Fones: 6604-6729 / 6601-3496

Sonhos de um novo antigo Rock N' Roll

Flores do Fogo

www.floresdofogo.com
floresdofogo@hotmail.com
(11) 8242-1733 / 8233-1217 / 5587-1059

VENTANIA

www.ventania.com.br

COMPRA e VENDA

LP's - CD's - DVD's
Livros e Revistas

Rua 24 de Maio, 188
1ª sobreloja - Conjuntos 113/115/117
São Paulo - SP
Fone: (11) 222-6273 - Fax: (11) 223-6734

Anuncie na

poeira Zine

A única publicação do Brasil especializada na música dos bons tempos!

(11) 9526-7947
contato@poeirazine.com
www.poeirazine.com

CARRO BOMBA

O POWER TRIO MAIS PORRADA DO BRASIL

www.carrobomba.com.br

contatos/shows:
carrobomba@yahoogrupos.com.br
(11) 9629-8195 / 9931-2757

The Who Fã Club

RARIDADES DO THE WHO DOS ANOS 60!!! TV SHOWS CLIPS DA OPERA ROCK TOMMY & MUITO MAIS!!!

Veja relação de títulos no site
www.thewho.hyperfotos.com.br

email : muchtomuch@hotmail.com.br
telefone: 11 3873 9258
WE KNOW WHO YOU ARE!!!!!

Dois anos em atividade e que venham muitos outros...

Bom, começamos mais esse grande ano e de cara podemos celebrar dois anos de atividade da poeira Zine. Tudo começou em fevereiro de 2003, com o número zero trazendo o Status Quo na capa.

A proposta de fazer uma publicação com teor elevado de boa música nunca me deixou desamparado. É exatamente nessa proposta que continuo a acreditar e tenho o privilégio de dividir essa crença com todos vocês.

Não me canso de agradecer a todos leitores pelo apoio recebido via e-mails, cartas e telefonemas. Fico cada vez mais feliz em saber da quantidade de gente empolgada com a música de qualidade e com todas as vibrações que ela nos traz.

Nessa edição da poeira, um especial sobre a MK IV do Deep Purple e os altos e baixos dessa grande fase. Os fãs de Ritchie Blackmore que me perdoem, mas dessa vez ele ficou de fora (calma que eu também adoro o cara e em breve ele pintará por aqui...) Interessante é um especial sobre o Hollywood Rock de 1975, a primeira edição do Festival, que completou 30 anos agora em janeiro. Nélson Motta, o organizador do evento, trocou algumas "palavrinhas" com a gente e o resultado você confere nessa edição. (O primeiro Festival de Águas Claras também comemorou 30 anos em janeiro último. Nós não esquecemos e aguardem pois surpresas virão em breve...)

Já que o assunto é comemoração, a celebração dos 20 anos do Rock In Rio teve um grande respaldo da mídia em geral. Aqui na poeira só uma "lembrança" para a data não passar em branco...

As entrevistas desta edição estão reveladoras com o guitarrista ítalo-canadense Walter Rossi, com Magnólio, um dos maiores agitadores musicais dos anos 70 e um papo especial com o guitarrista Rainer Tankred Pappon, o fera da Central Scrutinizer Band.

Enquanto fechávamos essa edição pintou a triste notícia sobre o falecimento de Pappo Napolitano, um dos maiores ídolos do Rock Latino. Prestamos uma sincera homenagem a esse herói da guitarra mundial numa matéria especial.

Sérgio Alpendre fala um pouco sobre uma de suas paixões, o Progressivo Italiano (sim, nem só de macarrão, futebol e tarantella vive a Itália) e para encerrar trazemos uma nova seção sobre colecionadores de vinil. A cada edição um maluco diferente pinta por aqui e nos conta suas manias.

Um grande abraço a todos!

Bento Araújo

www.poeirazine.com

poeira Zine

Bento Araújo nasceu em 1976, é jornalista profissional e adora a música dos anos 60 e 70. É o editor chefe da poeira Zine: escreve os textos, faz a diagramação, cuida da arte, do visual, faz "a social" com os anunciantes, distribui, faz correio, banco, responde os e-mails e as cartas e também limpa o banheiro da redação. Além de tudo isso, o cara ainda tira uma onda tocando contra-baixo pela noite paulistana, além de vez ou outra fazer um "bico" em alguma loja de discos em troca de raridades vinílicas. O Editor também oferece seus serviços jornalísticos e musicais a quem se interessar...

Jornalista Responsável :
Bento Araújo Mtb 38344

Para saber mais sobre números atrasados, anúncios, assinaturas, pontos de venda e distribuição:
poeira Zine On Line: www.poeirazine.com

E-Mail: contato@poeirazine.com
Tel.: (11) 9526-7947

Caixa Postal 12089 - CEP 02013-970
São Paulo - SP - Brasil

Todas as matérias são de autoria do editor, exceto as indicadas.
As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.
Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Colaboraram nesta edição: Sérgio Alpendre

Revisão de textos: Patrícia Grillo
Capa e contra-capa: Carol Penna e Bento Araújo
Tratamento dos logos publicitários: Carol Penna
Fotos: Toni de Gomes, Divulgação e Reprodução.

Agradecimentos: Carmen, Carol, Tó, Padre Bento, todos os meus amigos aqui da Terra e do Universo, Deus, Vó Lázaro, Vó Edyr, Luiz Barata (Webmaster poeira), Patrícia Grillo, Diaz, João Pacheco, Daniel Atibaia, José Damiani, Júlia, Ray, Rogério, Cadinho e Sérgio Alpendre, Helton, Nivaldo, Fábio Golfetti, Luiz Domingues, Nélson, Normando (nº 1 do blues), Menino Wilson, Magrão e Moacir, Bonfim, Carlinhos Apfel, Pedrão So What, Joe, João Paulo Andrade, Vladimir, Carlinhos Vinil 7, Wilson Queen e Zé, Danilo e Jr., João Flowers, Jorge, Dr. Rock, Marco Freenote, Leonardo e Rafael, Alcides, Jorge "Rocker", Orlando, Márcio Art Rock, Júlio Kondo e Daphne, Renatão Kiss, Cahuê, Neigmar, Fábio Goiânia, Luciano Opus, Edinei, Roberta Kieffer e pessoal da Flores do Fogo, Riva de Campinas, Carlos Sensorial, Delta de Campinas (Alexandre e Lima), Antônio Carlos (site King Crimson), Carro Bomba, Paulo (Sebo SP), Donizeti Cactus, Marcão Music & Arts, Wagner Xavier, Samuca, Carlinhos HRosa, Sérgio Sayeg e Teca, Antônio Mário, Jessé e Guto (Souza Lima), Jean Metal, Getúlio, Ivan Stoned, Luiz (Classic Rock), Luiz (Roots), Alê (Museu), Fábio (Hiplace), Otaviano e Vera, Toni de Gomes, Leivinha, Nico, Rainer, Scrutinizer, Walter Rossi, Dagoberto, Paulo e Marco, Alê Floripa, Alberto e Jorge (Mairiporã), Fernando e Evandro Schott (Santos), Valdir Montanari, Pedrão Feira St André, Celso Salim, Dillo D'Araújo, Paulo Cavalcanti, Rolando Castello Jr., Elias Aftim, Róbson Mechanix, Magnólio.

FEIRA LIVRE DO VINIL DE SANTO ANDRÉ

Dia 19 de março - sábado - das 10:00 as 17:00 hs
No Saguão do Teatro Municipal de Santo André

Entrada Franca - Estacionamento gratuito
Paço Municipal: Praça Quarto Centenário, s/n - Centro - Santo André
Informações: 4433-0711 / 4433-0682- Fique atento: todo mês rola a feira!

o adeus de Pappo

o rock argentino perde sua mais emblemática figura

Numa sexta-feira qualquer eu estava tranqüilamente tomando meu café da manhã quando toca o telefone e ouço uma voz trêmula e abalada: "Bento, O Pappo morreu cara!"

Demorou alguns segundos para eu sacar o que estava acontecendo, mas na hora percebi que aquela voz era do amigo Rolando Castello Júnior.

Não sei por qual razão, mas a primeira imagem do Pappo que vem a minha cabeça é sempre aquela da contracapa do disco da Patrulha (Patrulha 85), onde o guitarrista argentino exibe sua imponente Gibson Explorer.

O mais incrível disso tudo, é que segundos antes de receber a triste notícia, na minha cabeça fomentava uma já antiga idéia de abrir um espaço na poeira Zine dedicado a todos os músicos que já não estão mais entre a gente (pelo menos em corpo físico).

Seria uma seção dedicada à memória de tantos ídolos que todos nós tivemos e ainda temos em nosso dia-a-dia.

Com essa idéia na cabeça, chegava a mim a notícia da tragédia que abalava não só o Rock argentino, mas a história mundial da guitarra...

Não estava planejado que seria com Pappo a estréia dessa seção, aliás eu nem poderia imaginar que fosse fazer isso tão cedo...Só me resta agora contar um pouco da trajetória dessa lenda chamada Pappo Napolitano.

Norberto "Pappo" Napolitano nasceu no dia 10 de março de 1950 e desde cedo se destacou pelo seu timbre de guitarra, embebido no Blues e na paixão pela música. Aos 14 anos de idade ouviu o famoso "uuuhhhhh" de Little Richard no rádio e resolveu que seu negócio era o Rock. Descolou uma guitarra vagabunda e começou a tirar de ouvido as músicas do ídolo.

Tocou no início de sua carreira com uma série de bandas: os "delirantes" Los Abuelos de la Nada, o Conéxion No. 05 (de Carlos Bisso), o La Pesada, o Engranaje e até (por um curto período) com o Manal, mas foi com a banda beat, Los Gatos, que Pappo entrou definitivamente para o circuito profissional.

A banda, formada em Rosário (300km ao norte de Buenos Aires) como The Wild Cats, depois como Los Gatos Salvajes e finalmente só como Los Gatos, pode ser considerada a precursora do movimento chamado "Rock Argentino". Eram os mais barulhentos, famosos e influentes dos anos 60.

O grupo veio se apresentar no Brasil em 1968, representando a Argentina no FIC (Festival Internacional da Canção). Na ocasião, o guitarrista do Los Gatos, Kay Galiffi, se apaixonou por uma brasileira e resolveu se mudar para o Rio de Janeiro (pouco depois ele seria integrante do Analfabitles).

Com a vaga em aberto, Pappo entra na jogada e assume a guitarra dos Los Gatos, gravando com eles o elepê *Beat nº 1*, lançado em 1969. A guitarra ganha um peso extra e em composições como "Sueña y Corre", "Hogar" e a psicodélica "Escuchame, Alumbrame", fica nítida a influência do novo exímio guitarrista.

Com a chegada da década de 70, o Rock foi ficando cada vez mais pesado e ousado e a Argentina, como autêntica e forte cena roqueira, entrava em transe com o aparecimento de diversas bandas: do rock autêntico calcado no Blues do Manal, passando pelo refinamento do Almendra de Luis Alberto Spinetta, das viagens Psico/Prog do Vox Dei até o distinto folk do Sui Generis de Charly Garcia e Nito Mestre.

Pelo menos no aspecto sonoridade, Pappo assume a linha de frente dos Los Gatos, colocando sua guitarra vigorosa em primeiro plano, o que não agrada nem um pouco o fundador do grupo, Litto Nebia. Nesse clima de fim de mundo lançam, em 1970, o LP *Rock de La Mujer Perdida*; o melhor registro deles e o último a contar com os fraseados ousados de Pappo.

Naquele mesmo ano, com o peito erguido e cheio de confiança, Pappo monta, ao lado de David Lebón e Black Amaya, o Pappo's Blues, sua maior contribuição tanto para o Rock Latino como para o mundial. Na época do primeiro álbum (1971), sem muitas expectativas para o som pesado do Pappo's Blues em Buenos Aires, o guitarrista se manda para a Inglaterra, o "point" roqueiro daquela época. Passa oito meses lá, descolando um troco tocando guitarra e gaita no metrô ou até mesmo piano em algum pub qualquer, tudo para arrumar uma grana para ver os grandes bandas de Rock ao vivo. Lá Pappo estava em contato com o melhor equipamento, com os melhores empresários e os melhores grupos.

Num belo dia recebe um telegrama da Argentina dizendo que o disco de estréia do Pappo's Blues é o número 1 do país e que toda a molecada sai gritando pela cidade: "Vuelve Pappo!".

Na foto central, o Top 3 da guitarra argentina dos anos 70: Pappo, Claudio Gabis (Manal) e Edelmiro Molinari (Almendra). Abaixo: Aeroblus, Los Gatos e Pappo ao lado de seu ídolo B.B. King.

"Mi decisión fue no dejar de tocar rock & roll, porque el rock & roll es mi presentación en la Tierra. Es mi forma de ser, mi forma de hablar."
Pappo em entrevista a Rolling Stone argentina - junho de 2000

Ao retornar para Buenos Aires, as coisas melhoram e Pappo compra uma Gibson Les Paul, uma Fender Stratocaster e um amplicador Marshall. Pronto para transpor sua adrenalina para as cordas da guitarra, o guitarrista lança *Pappo's Blues 2* e sai em tour pelo país. Num ritmo caótico fazem até quatro apresentações no mesmo dia, com um set básico e matador e 25 minutos de duração! Assim como os norte-americanos fincaram sua bandeira na Lua, Pappo queria a todo custo fincar a bandeira do rock na Argentina. Depois de quatro discos, Pappo resolve se mandar novamente para a Inglaterra em busca de um maior aprendizado roqueiro e musical. Começou lavando louça e descolou um porão para dormir. Convenceu a proprietária do "buraco" a alugar o local para bandas iniciantes ensaiarem e os primeiros que pintaram por lá foram Lemmy Kilmister e Philty Animal Taylor. Pappo passou a ensaiar com esses dois figuras que depois lançariam sua estréia como Motörhead. Movido pelas novas tendências do Rock, novos instrumentos e técnicas, Pappo excursionou com Peter Green durante seis meses. Interessante ressaltar o desejo sempre crescente de Pappo de estar em contato com o Rock, esteja onde ele estiver.

Cultuado nos quatro cantos do planeta, o Pappo's Blues fez história lançando sete álbuns oficiais em seus dez anos de carreira, sempre com constantes mudanças na formação, mas contando com Pappo, absoluto na liderança do conjunto.

Em 1976, formou um projeto lendário, o Aeroblus, ao lado de Alejandro Medina e Rolando Castello Júnior. Os argentinos estavam morando num sítio em Campo Limpo Paulista e quando Júnior topou o convite os ensaios passaram a ser cada vez mais empolgantes e ensurdecedores. Se mandaram, então, para Buenos Aires e lá se tornaram o maior Power Trio da América Latina naquele ano de 1977, ao soltar o único e disputadíssimo disco homônimo. Júnior precisou retornar ao Brasil e o Aeroblus ainda tentou continuar com outro baterista (da banda Crucis), mas a química já não rolava mais...

Em 1980, Pappo forma o Riff, a principal banda da cena pesada portenha. Lançaram cinco discos e conquistaram muitos fãs, inclusive no Brasil. Em 1984 faz um histórico concerto no Estádio de Obras Sanitárias ao lado da banda Boxer (não confundir com o Boxer de Mike Patto e Ollie Halsall). Desse show saiu o duplo ao vivo *En Concierto*. No ano seguinte volta ao Brasil e aceita o convite de Júnior para integrar a Patrulha do Espaço, gravando talvez o disco mais pesado do grupo, o Patrulha 85.

No anos 90 encantou B.B. King quando esse tocava em Buenos Aires. Três meses depois é convidado pelo próprio B.B. para subir ao palco do Madison Square Garden, em Nova York. *Buscando Un Amor* é o nome de seu último registro, lançado em 2003, onde Pappo homenageia grandes nomes do Blues em seis versões para clássicos do estilo como 'Trouble No More', 'Thrill Is Gone', 'Little Red Rooster', 'Killing Floor' e 'Rock Me Baby'.

Fanático por velocidade, Harleys e guitarras Gibson, Pappo teve sua carreira interrompida num acidente fatal numa estrada nas proximidades de Luján, Argentina, na madrugada do dia 25 de fevereiro último. O guitarrista viajava com o filho (que estava numa segunda moto), quando perdeu o controle de sua Harley Davidson e caiu no asfalto da rodovia. Na seqüência, um automóvel que vinha em alta velocidade atropelou Pappo, que morreu instantaneamente.

No alto o super trio Aerobius com Alejandro Medina, Rolando Castello Jr. e Pappo Napolitano, mais abaixo Pappo e suas verdadeiras paixões: Harleys e Guitarras e ao lado uma foto divertida ao lado de Cláudio e Edelmiro

In Memorian
Pappo 1950 - 2005

A *Patrulha do Espaço* passada, presente e futura, sensibilizada, homenageia um de seus mais importantes, querido e heróico tripulante.

www.nuvemnove.com.br

nuvem nove

CD's - LP's - DVD's

Compra - Venda - Troca

Hard Rock - Progressivo - Metal - Psicodélico - Anos 50,60 e 70

Fone: 3078-7051

Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP

Algumas Obras Primas do Progressivo Italiano

*por Sérgio Alpendre **

Primeiramente vale dizer que, sendo essa tarefa um tanto ingrata, já que o prog na itália foi um estilo muito prolífico, sofri como um pobre diabo para limitar a dez as indicações. Nessa peneira, bandas maravilhosas como Semiramis, Maxophone, Reale Acaddemia di Musica, Samadhi, Capitolo 6, New Trols, The Trip, Locanda Delle Fate, Pierrot Lunaire e inúmeras outras dançaram.

Menos uma lista de melhores – afinal, muitos que ficaram de fora tem o mesmo nível artístico dos privilegiados – do que um simples mapa de iniciação, essa lista se mostrará muito mais útil para aqueles que nunca puderam ouvir atentamente um LP ou CD de prog italiano. Além de servir como propulsora de polêmicas, como toda lista deve ser.

Prog Italiano? É um gênero? Certamente não. Mas há um diferencial entre essas bandas que fazem prog na Itália para aquelas que faziam na Inglaterra (o berço do estilo). Então é possível estabelecer parâmetros de comparação como a presente lista.

Se no princípio, ou até mesmo com o estilo consolidado no país, sobravam bandas diluidoras de Deep Purple (ex: Corte del Miracoli) ou Led Zeppelin (I Teoremi), a partir de 1972 um sem-número de bandas procuraram unir as conquistas de seus correlatos ingleses a uma verve operística que fazia dos vocalistas o maior chamariz. O Banco del Mutuo Soccorso é o maior exemplo disso, com a voz poderosa de Francesco di Giacomo. Banco é a banda que foi mais longe, tendo inclusive lançado discos pavorosos nos anos 80.

Muitas das bandas, talvez a maioria, não teve o mesmo fôlego, algumas terminando após o primeiro disco. Mas o estilo pegou no país, tanto que deu nos inúmeros e horrorosos grupos de neo-prog que proliferaram a partir dos anos 80. Se você quiser começar com o pé direito, não se engane, comece pelos desta lista.

Bem...sem mais preâmbulos, vamos às pérolas (em ordem cronológica):

LE ORME #Collage (1971)#

Depois de dois discos, o primeiro *Ad Glorian*, de um psicodelismo ingênuo e agradável; e o segundo, *L'Aurora Delle Orme*, com um esboço do que viria ser a sonoridade da banda, eis que surge este terceiro, e melhor porta de entrada para se conhecê-los. Muitos podem argumentar que *Felona e Sorona* é um disco mais redondo, mais bem acabado e rebuscado que esse. Talvez tenham razão. Mas não conheço sequer uma pessoa que tenha começado com Felona e se apaixonado de cara pela banda. Com *Collage*, pelo contrário, a empatia é imediata, abrindo caminho para os discos mais eruditos que viriam a seguir.

MUSEO ROSENBACH #Zarathustra (1972)#

Banda de um disco só, o fenomenal *Zarathustra*, o Museo Rosenbach tornou-se um dos mais celebrados exemplares do prog pesado que se fazia no país. Foram acusados de fascismo, e nunca gravaram outro disco. Uma pena, pois o prog pesadão feito pela banda, com uma tecladeria marcante e um vocal forte, era muito mais que promissor. Uma verdadeira obra-prima do estilo...em qualquer lugar e época. Sem mais palavras pra esse disco obrigatório, e que deve ser o primeiro a ser comprado.

PREMIATA FORNERIA MARCONI # Per um Amico (1972)#

Aqui foi realmente muito difícil optar por esse, o segundo da banda liderada por Franco Mussida (guitarra) e Flavio Premoli (teclados). Adoro em igual medida *L'Isola di Niente*, o disco que tem "Dolcissima Maria". Há quem prefira o primeiro LP, *Storia di um Minuto*, mas *Per um Amico* tem a mesma sonoridade, só que aperfeiçoada. Não vale a pena começar com *Photos of Ghosts*, que nem é tão difícil de se encontrar, mas que nada mais é do que uma versão em inglês de algumas músicas anteriores. Depois de *Live in USA*, Bernardo Lanzetti, o homem que achava que era Peter Gabriel, assume os vocais e deixa os discos menos interessantes. Ainda que seja bom escutar *Chocolate Kings* e *Jet Lag*.

QUELLA VECCHIA LOCANDA #Quella Vecchia Locanda (1972)#

Talvez o grupo mais sofisticado do prog italiano, o Quella Vecchia Locanda não agradou de imediato os roqueiros da época. A mistura de jazz, clássico, folk e rock não bateu e seus discos só foram reconhecidos anos mais tarde. Além do escolhido álbum de estréia, eles têm um segundo e excelente álbum chamado *Il Tempo Della Gioia*, que vale, e muito, a procura e eventual compra. Mas não desista nas primeiras audições. As sutilezas dos arranjos só é apreciada depois de nos acostumarmos a elas.

* ***Sérgio Alpendre*** *escreve sobre cinema e música. É redator da revista de cinema Contracampo e mantém dois blogues, um sobre música (www.melomania.blogspot.com) e um sobre cinema (www.chiphazard.blogspot.com). Gosta muito de Rock Progressivo, mas não exclusivamente.*

Il Balletto di Bronzo #Ys (1972)#

Eu nunca entendi muito bem esse disco. Sempre o achei maluco, sem saber como classificá-lo. Não sei se vai mais pro hard (bem...é o que acho na maior parte do tempo), ou se flerta com o jazz, como percebi em algumas audições. Rotular é bobagem, e talvez seja pela estranheza que esse disco tenha me enfeitiçado. Ao contrário de alguns bitolados, eu gosto do primeiro deles, *Sirio 2222*, disco com muito dos anos sessenta. *Ys*, no entanto, com sua gama de loucura e sua recusa em ser rotulado, continua sendo um disco essencial.

Banco del Mutuo Soccorso #Io Sono Nato Libero (1973)#

Talvez a grande banda do prog italiano. A mais paradigmática, pelo menos. A voz de Francesco di Giacomo é o ponto central, e toda a instrumentação é elaborada pensando em seu timbre de voz. Claro que esse é um hábito constante da música popular, mas nos discos do Banco chega a ser dantesca a subordinação da instrumentação à voz de Di Giacomo, e nesse disco temos o maior exemplo de como isso acontece. Mesmo nos trechos instrumentais, o que se percebe é uma preparação para a entrada triunfal da voz. Esse é o terceiro álbum da banda, sucedendo o clássico *Darwin* e o excelente álbum homônimo de estréia. Uma outra indicação, de um disco que acho ainda melhor que *Darwin*, seria *Come in un'Ultima Cena* (1976), o mais próximo que a banda chegou do Gentle Giant.

Metamorfosi #Inferno (1973)#

Em matéria de tecladeira fica difícil bater essa banda. Se o primeiro pecava por ser derivativo demais, o segundo (*Inferno*), apesar de não primar pela originalidade, consegue ter uma sonoridade única graças à enorme profusão de moogs. É o apogeu do instrumento, todos queriam brincar com ele. Brincadeira é uma boa palavra, pois *Inferno* pode ser considerado o melhor exercício de rock com mini-moog já feito. E ninguém brincou melhor que Enrico Oliveri, o tecladista do Metamorfosi, que além de estraçalhar com o moog, ainda debulha no Hammond.

Area #Arbeit Macht Frei (1973)#

Todo país tem sua banda incrivelmente doida. O Area responde por essa alcunha na terra de Fellini, terra pródiga em bandas doidas - diga-se de passagem. *Arbeit Macht Frei* é o primeiro e melhor álbum deles, apesar de ficar milhas atrás de discos futuros em matéria de loucura. Demetrio Stratos, morto em 1979, é um vocalista inacreditável. Seus discos solos consistem em experimentos com o alcance de sua voz, e com as diversas sonoridades que sua boca criava. Em alguns momentos podemos jurar que há um coro acompanhando-o, quando na verdade há somente sua voz, gravada diretamente, sem sobreposição. Uma banda essencial, mas que exige cuidados, o maior deles seria começar com este excelente álbum de estréia. Depois, compre o segundo, depois o terceiro, e assim por diante. A qualidade não cai, mas a digestão fica mais fácil. Se achar em vinil melhor ainda, pois as capas estão entre as mais lindas já feitas.

Osanna #Palepoli (1973)#

Outra banda que desafia classificações, Osanna chega ao ápice com esta verdadeira obra-prima. De um ecletismo corajoso e envolvente, ficamos sempre sem saber o que esperar do momento seguinte ao que estamos ouvindo. Essa suspensão de nossas expectativas era o princípio inicial da alcunha "progressista", e foi abandonado quando o gênero invadiu arenas. Mas Osanna, em seus primeiros discos, volta a dar sentido ao termo. Se depois da terceira audição, você não estiver gostando de *Palepoli*, pode desistir de rock progressivo. Tente o rock sulista (nota do editor: o que será que esse "mala" tem contra o rock sulista!), ou o pop setentista de bandas como Supertramp e Kayak (bandas que adoro, por sinal).

Goblin #Roller (1976)#

Banda que se tornou conhecida pelas trilhas do mestre Dario Argento, cineasta genial e infelizmente guetificado, por preconceito com filmes de horror (que nem é a única característica de seus filmes). Argento é um expert na criação de atmosfera, e nisso a música do Goblin cai perfeitamente. Começando por *Profondo Rosso* (1975), e retornando a Argento para *Suspiria* (1977), fácil a trilha que melhor funciona sem o filme. Depois fariam mais trilhas para Argento, Lucio Fulci e outros. A banda tem apenas dois discos que não foram feitos para filmes: *Roller* e *Il Fantastico Viaggio Del Bagarozzo Mark*, de 1978. Dos dois, *Roller*, é o que mais se aproxima do formato trilha, pela exploração de climas e sonoridades tenebrosas. Disco essencial pela sonoridade viajante, peculiar dentro do cenário do prog italiano.

Moby Dick

CD'S e DVD'S
Nacionais e Importados

Jazz - Rock - Blues
Progressivo

COMPRA - VENDA - TROCA

Atendemos Via Sedex

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

HALLEY

especializada em
ROCK PROGRESSIVO e
HARD-PROG

Remetemos pelo correio para todo o Brasil em pacotes registrados e com seguro - Confiram em nossa Home Page a seção de promoções
Atendemos pela Internet
Atualizações semanais

www.halleydiscos.com.br
halley@halleydiscos.com.br

Tel/Fax: (21) 2551-1697
Rua Senador Vergueiro 218, Loja 15
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

STAND UP
www.standup-music.com.br

Progressivo, Hard Rock,
Psicodélico, Jazz, 60's & 70's

Atendemos pelo correio para todo o país

Tel: (11) 3362-1561 / 7132-0465

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep:01041-000 - São Paulo - SP

rainer tankred pappon fala de seu novo disco

fotos de Toni de Gomes

Palmeirense, exímio guitarrista, morador da Pompéia e fã de Zappa...
Um cara desse só pode ser boa gente...
E não tem como dar outra.
Já há um bom tempo costumo não perder nenhum show da The Central Scrutinizer Band (sim galera, assim como a taça do mundo costuma ser nossa, a melhor banda cover de Zappa sempre será a nossa!). Quem já conferiu a TCSB ao vivo, sabe que aquele guitarrista "alemão da guitarra verde" é o responsável pela "seção arrepio" com suas peripécias, meticulosamente envenenadas com os timbres idênticos e certeiros aos de Mr. Frank.
Rainer chega a seu terceiro e imperdível disco solo, *Tankred*, onde gravou guitarra e baixo. A bateria ficou a cargo de Humberto Zigler.
O guitarrista, que no momento batalha um selo para distribuir seu álbum, nos atendeu na sua casa/estúdio para falar sobre seu trabalho solo, Zappa, influências e cena independente.

Conta aí Rainer...

poeira Zine - *À primeira vista, o título Tankred parece alguma alusão ao King Crimson, mas na verdade é o seu segundo nome. Por que você resolveu batizar seu novo disco com seu próprio nome?*

Rainer Tankred Pappon – Nos discos do Fellini, que era a banda do meu irmão, eu assinei algumas participações com nome de Tankred Pappon. Até hoje as pessoas chegam pra mim e perguntam: "E o seu irmão Tankred? Quando ele vai tocar? Por que ele não dá uma canja com você?" Eu reparei que o pessoal não tinha percebido que eu era o Tankred (risos)! Então resolvi chamá-lo assim para acabar com essa confusão toda.

pZ - *Como foi o processo de criação / gravação desse disco?*

Rainer – Nesse álbum cada música tem uma história. Algumas são composições velhas, outras são novas e algumas eu criei na hora de gravar...Fiz o disco bem devagar, sem nenhum tipo de pressão. Levei seis anos pra terminá-lo. Aliás, isso é ridículo, pois lanço meus discos de seis em seis anos (risos). Mas isso vai acabar, já estou compondo o meu próximo disco (risos). Quanto à gravação, como somos um trio não teve muito segredo. Com essas novas técnicas tudo fica mais fácil, qualquer um pode fazer um disco em casa e isso é fabuloso! Eu adoro escutar esse meu disco novo; ainda estou curtindo-o muito, talvez por ser todo instrumental, então não tenho que agüentar a minha voz (risos).

pZ – *Sendo guitarrista da The Central Scrutinizer há 15 anos, fica impossível não associar seu trabalho solo à genial obra de Zappa. Isso é algo que te incomoda?*

Rainer – De jeito nenhum! Ser associado ao Zappa é sempre uma honra, se fosse outro cara talvez eu até me incomodasse (risos).

pZ - *Como você entrou em contato com a música do Zappa?*

Rainer – Eu tinha 12 anos de idade e fui com meu irmão (Thomas Pappon) numa loja comprar uns discos. Ele me indicou de cara o *Waka/Jawaka*, que confesso que achei muito doido e não curti de primeira. Depois ele comprou o *Overnight Sensation* que fez completamente minha cabeça, inclusive eu sempre entrava no quarto do meu irmão para "roubar" e ficar ouvindo esse disco (risos)...Depois não paramos de comprar mais nenhum outro disco do Zappa, assim como King Crimson e Yes.

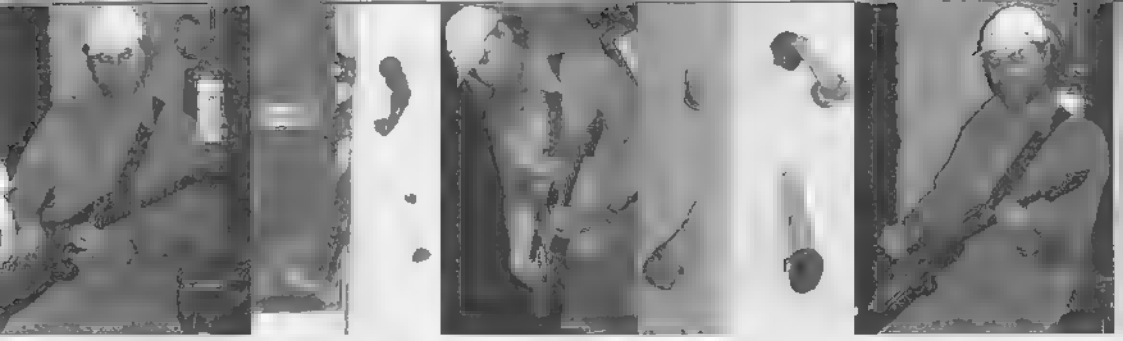
Rainer ao lado do mestre

pZ – *Você já tocou com algum ídolo seu?*

Rainer – Eu toquei uma vez com o Pedrinho Batera (Som

MAFER Records
dansilmafer@uol.com.br
Compra, Venda e Troca de LPs e CDs
Rock - MPB - Bossa - Jazz - Psych
Tel:(11) 3159-3527
Galeria Nova Barão - Rua 7 de Abril, 154
(Rua Alta, loja 28) - CEP: 01044-000 - São Paulo/SP

Barraca do Diaz LP's
Raridades do mundo da música
Rock anos 60 e 70 - Bossa Nova - Soul Music
MPB - Jazz Rock etc.
Compra - Venda - Troca
Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP



ao lado: ao vivo com a Scrutinizer e os mascotes e as guitarras que brotam das paredes na casa do Rainer...

Nosso de Cada Dia) e foi simplesmente genial. Tem uma história dele que o pessoal sempre contava. Ele foi tocar na França uma vez e depois do show foi convidado para uma festa de grã-finos numa mansão. Na sala tinham várias almofadas. O Pedrinho se sentou confortavelmente numa delas e de repente ouviu um gemido...Ele tinha acabado de esmagar um cachorrinho. (risos) Na maior tranqüilidade ele colocou o cachorrinho morto no bolso do paletó, se mandou da festa e na rua abriu uma lixeira e jogou o cachorro lá! (risos) Não sei se é verdade, mas essa história é impagável.

pZ - *Você esteve presente na última edição do Zappanale (festival organizado pelo fã-clube alemão Arf-Society, onde tocam bandas cover de Zappa, ex-integrantes do Mothers, etc.). Conte um pouco como foi.*

Rainer – Foi um festival realizado no ano passado na Alemanha ex-oriental. Ele rola há 15 anos e isso me deixou animado. Dei azar, pois estava um frio de rachar, com uma garoa incessante. Aquele estava sendo o verão mais frio dos últimos 50 anos por lá, mas mesmo assim foi muito legal. Tinha uma orquestra chamada Zappa Graduates que era formada por jovens músicos suecos, com idade entre 13 e 20 anos. Eles estudam numa escola de música que só ensina Zappa aos jovens. Depois veio a banda do Ed Man, com seus vibrafones e até um solo de gongo! Mais tarde os The Grandmothers, com Napoleon na flauta, sax e vocal, Roy Strada no baixo, vocal e performance animal, Ed Man no vibrafone fazendo o possível e o impossível para substituir o Don Preston nos teclados (que não compareceu), Ken Rosser arrepiando na guitarra e o fabuloso Chris Gordon na bateria e vocal.

pZ - *O povo quer saber: o tão prometido disco ao vivo da TCSB com o Ike Willis sai ou não sai?*

Rainer - Assim que gravamos aquele show, assinamos com a gravadora norte-americana Muffin Records, cujo dono também empresariava o Ike Willis. Nós perdemos os primeiros dois anos por culpa da Gail Zappa (esposa de Zappa), que proibiu a gente de lançar o disco aqui e nos EUA porque ela tinha alguma birra com o Ike Willis. Então a Muffin Records iria lançar o disco na Europa, porque lá as regras são outras, não precisa da autorização do autor. Passou mais um ano e nada , a Muffin Records simplesmente faliu... Uns meses depois a gravadora Voice Print da Inglaterra, com representante no Brasil, quis lançar o disco no ato, do jeito que estava. A banda não topou, preferiu assinar com um selo paulista recém criado, a Spin Music.
Aí o Mano Bap quis remixar tudo, nos convenceu de que faria melhor devido às melhores condições de equipamento e a banda topou. A remixagem levou dois anos e não foi mostrada oficialmente para a banda, o que me deixou bem magoado.
Depois de mais um ano sem nada acontecer, pedimos uma posição da Spin Music e ela resolve importar o CD da Voice Print da Inglaterra, demorou...
Já se passaram sete anos e estamos a um ano fazendo a capa. Tudo depende só da gente e não há nenhuma cobrança da Spin Music. Há tempos que a culpada não é mais a Gail Zappa.

Rainer Tankred Pappon
Rainer Tankred Pappon (Independente)

O "alemão da guitarra verde", famoso por executar as peripécias guitarrísticas de Zappa na The Central Scrutinizer Band, acaba de lançar seu terceiro disco solo. Batizado simplesmente com o nome do guitarrista, o álbum é um primor para quem curte guitarra. Se você curte aquela famosa escola Zappeira, (Vai, Belew, Dweezil, Mike Keneally e outros) o novo disco do Rainer é obrigatório na sua coleção. Totalmente instrumental, as oito faixas caminham para lados distantes a cada audição. 'A Vida Inteira', 'Já Volto', 'Ontem Foi Fogo', 'Uau!' e 'Na Padaria', provam que bom gosto e ousadia podem andar lado a lado.
Ora agradável e melódica, ora frenética e agressiva, o som da guitarra de Rainer desponta como um dos melhores timbres do país na atualidade. Quem quiser adquirir o álbum pode entrar em contato direto com o Rainer pelo e-mail: rainerpappon@yahoo.com.br www.scrutinizer.com.br

METAL
www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br
CD's - DVD's - LP's
VHS - CAMISETAS
Fone: (11) 4994-7565
Fax: (11) 4436-5500
Atendemos pelo correio para todo o país
Rua Dona Elisa Fláquer, 184
Centro - Santo André - SP

Blackbird
Music Shop
www.blackbird.com.br
- CDs, DVDs e Livros
Rock anos 60 e 70
Beatles - MPB
Telefax: 3141-9690
Av. Paulista, 1499 - loja 52
Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo - SP

Deep Purple

Come Taste The Band e as aventuras da MK IV

O mais audacioso disco da imensa carreira do grupo finalmente conquista seu merecido status de "clássico".

Nesse caso específico, o velho jargão a respeito do vinho, aquela história manjada de que quanto mais velho melhor, cai como uma luva...

Será que foi prevendo isso que o pessoal do Deep Purple estampou aquela atraente taça da bebida na capa do seu disco *Come Taste The Band*?

Demorou 30 anos para o álbum cair no gosto da moçada. Hoje ele alcançou status de "clássico" e pode tranqüilamente figurar ao lado de um *In Rock*, *Fireball*, *Machine Head*, *Made in Japan* ou *Burn*.

Engraçado como essa nova geração assimilou melhor o som agressivo e funkeado de *Come Taste The Band*. Em 1975, as coisas não andavam nada bem para a banda e os fãs reclamavam do direcionamento soul do grupo. As turnês já não rendiam mais o mesmo, mostrando um Blackmore desanimado e displicente, gravando sua despedida (*Stormbringer*) quase que por obrigação. A MK III do Purple caprichava nos grooves e na voz negra de Glenn Hughes e isso sempre incomodou Mr. Blackmore. Para piorar a situação Tommy Bolin, seu substituto, era norte-americano o que era uma verdadeira ofensa aos fãs britânicos do conjunto.

Apesar de meio desconhecido da imprensa inglesa, Bolin já era macaco velho nos EUA. Tinha passado pelo Zephyr, pelo Energy (um grupo de Jazz Rock-Fusion) e pelo James Gang gravando os discos *Bang* e *Miami*, além de participar de muitos outros projetos, entre eles discos dos conceituadíssimos bateras Alphonse Mouzon e Billy Cobham. Aliás, o convite para ingressar no Purple surgiu de um atônito David Coverdale, completamente atordoado com a participação de Bolin no disco *Spectrum*, de Billy Cobham.

Após a saída de Blackmore (para fundar o Rainbow), Jon Lord e Ian Paice, únicos sobreviventes da formação original queriam colocar um ponto final na carreira da banda, devido ao fato de Blackmore ser mesmo a espinha dorsal do Purple. Quem também andava desanimado era Glenn Hughes, maluco de vontade de gravar um disco solo e afundado nas drogas e no soul – suas verdadeiras paixões. Chegou a declarar que odiava Rock pesado, 'Smoke on The Water' e toda aquela barulheira do Deep Purple. Restou a David Coverdale não deixar a peteca cair e injetar ânimo na moçada apostando tudo em Bolin e em um novo registro de estúdio. Coverdale relembrou o período no seu site oficial: "Quando Ritchie nos deixou, pensamos em seguir em frente com outro nome. The Deeps, Purple or Good Company eram algumas das sugestões...Seria um sacrilégio abalar o legado do Deep Purple de qualquer maneira, mas quando descobrimos Bolin resolvemos continuar e acreditar que faríamos um ótimo disco".

Nascido em Sioux City, Iowa, Thomas Richard Bolin vinha de um outro núcleo musical. Era amigo do pessoal do Jazz, tocava com swing, desenvoltura e improviso característicos do estilo. Estava bem longe daquele pálido panorama do Heavy Metal inglês, ao qual o antigo Purple estava habituado. Chegou a declarar na Creem Magazine: "Eu nunca tinha visto o Deep Purple ao vivo e também nunca tinha ouvido nada deles antes de entrar na banda, com exceção de 'Smoke On The Water' e 'Hush' é claro...

Recém saído do James Gang, Bolin se mandou para Los Angeles e torrou todos seu royalties com drogas e excentricidades. Para sobreviver o músico teve que se virar sozinho, tocando guitarra e também aprendendo a cantar. A saída mais prática era embarcar numa carreira solo. Produziu sua própria demo e saiu atrás de uma estampa para lançar o disco. A gravadora Nemperor se animou e soltou, em 1975, o álbum *Teaser*, que obteve repercussão comercial maior do que o próprio *Come Taste The Band*, apesar de ambos os discos terem chegado às lojas no mesmo período.

Com uma promissora carreira solo agendada, Bolin exigiu no contrato com o Purple que ele gravaria o disco e sairia numa tour mundial com a

banda, porém com total liberdade para promover seu recém lançado álbum, fosse em tours de divulgação, fosse tocando com seu próprio grupo. O músico estava exigindo uma carreira paralela às atividades do Purple. E tinha ainda a história de apresentar a cada show do Purple dois números solos com musicas de seu álbum.

Esclarecido esses detalhes, o reformulado Deep Purple se mandou para Los Angeles duas semanas depois de ter acertado a entrada de Tommy Bolin para o grupo. O guitarrista estava morando na cidade, assim como o casal Glenn Hughes e Linda Blair, estrela do filme "O Exorcista" (A moça teria um affair com Bolin pouco depois). Em junho de 1975 alugam um galpão em Hollywood, logo transformado em estúdio, onde ensaiam apenas alguns dias. O astral daquelas sessões era muito bom. A banda testava Bolin e esse não parava um minuto de testar a banda, fazendo muitas jams, com temas que sempre ultrapassavam os dez minutos de duração. Algumas faixas do *Come Taste The Band* saíram dessas sessões como a instrumental 'Owed To G' e 'Drifter' (esse material foi lançado pela Purple Records em 2000 com o nome de *Days May Come And May Go*). Mais uma declaração bacana de Bolin: "Eu estava bem deprimido em Los Angeles, naquela época em que montava minha própria banda. O convite para entrar no Purple funcionou como um tônico revigorante na minha vida. Eu não sabia o que esperar, mas eles eram ótimos! Eram uma banda redonda e ensaiada, com uma ótima aparelhagem. Meu som só poderia melhorar ao lado desses caras."

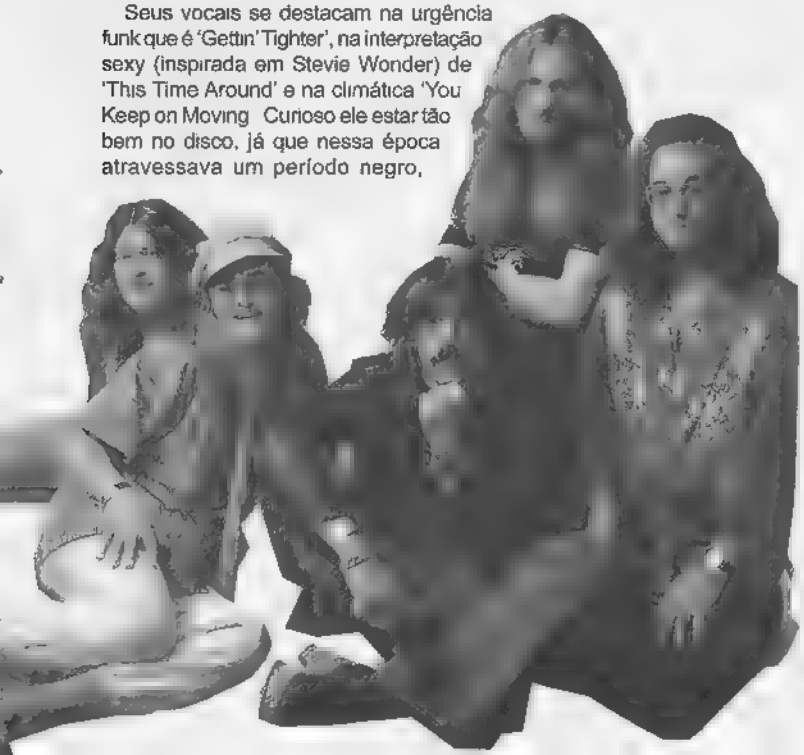
Outro fato curioso e que a maioria das pessoas desconhece: o Deep Purple chegou a fazer uma audição com o guitarrista Clem Clempson, ex-Bakerloo e recém saído do Humble Pie. Em L.A. a banda passou quatro dias ensaiando com o músico, mas a química não rolou.

No final de julho a banda se manda para Munique, Alemanha, onde no dia 03 de agosto inicia as gravações do novo álbum no famoso Musicland Studios, com produção do incansável Martin Birch.

Bolin arrasa no disco, trazendo uma guitarra mais "quente", humana, sofisticada e malandra do que a de Blackmore. O guitarrista ainda abusa de forma não convencional do slide e dá amostras que pode muito bem segurar o vocal, como em 'Dealer'. Das dez faixas ele compõe sete e encontra em Glenn Hughes o parceiro ideal. A afinidade era tamanha que nessa época os dois faziam tudo juntos: moravam, compunham e se enchiam de drogas. A essa altura Hughes e Bolin formavam a dupla de alma negra do Deep Purple, com muita influência de Soul, Funk e Jazz.

O disco abre com 'Coming Home', faixa que recoloca o Purple em seu devido lugar com Coverdale dizendo ter vendido sua alma ao rock n' roll. Glenn Hughes brilha como nunca, talvez por estar mais à vontade, sem a mão de ferro de Blackmore.

Seus vocais se destacam na urgência funk que é 'Gettin' Tighter', na interpretação sexy (inspirada em Stevie Wonder) de 'This Time Around' e na climática 'You Keep on Moving'. Curioso ele estar tão bem no disco, já que nessa época atravessava um período negro, como ele mesmo relembrou numa entrevista para a revista Classic Rock: "Eu e Bolin vinhamos abusando tanto que estávamos constantemente perdendo o controle. A banda me deixava a maior parte do tempo internado em clínicas de desintoxicação na época em que gravamos o *Come Taste*. Inclusive não fui eu que gravei o baixo de 'Coming Home' por estar justamente pirando em Munique no dia dessa gravação". Quem assumiu o baixo na música foi Tommy Bolin.



Jon Lord e Ian Paice regem suas partes com maestria e capricham no balanço de 'Love Child' e 'Lady Luck'. Paice demonstra uma performance vigorosa e inspirada, certamente uma das melhores atuações do baterista registrada em disco. A instrumental 'Owed to G' é também um capítulo à parte dentro da imensa discografia da banda. Nas letras, o Purple nunca escreveu nada tão roqueiro. *Come Taste The Band* pode ser considerado uma obra conceitual sobre a vida de qualquer rocker: groupies, traficantes, sexo barato, vida na estrada, vadiagem, bebedeira, está tudo lá.

Ao contrário dos dois discos anteriores (os também excelentes *Burn* e *Stormbringer*), onde o repertório se potencializava e sobressaía mais ao vivo (vide 'Mistreated', 'You Fool No One', 'Gypsy' e outras), com o repertório de *Come Taste The Band* o papo era outro, o material já causava impacto de cara no estúdio. Temas genuinamente muito fortes e ninguém poderia prever o que aconteceria ao vivo... e o que aconteceu naquela tour, ninguém poderia prever mesmo...

Cinco meses na montanha russa

Essa tour tinha como dar certo?

Uma banda cansada do estrelato, sensivelmente decadente em sua popularidade. Egos inflados, um vocalista marginalizado pelos próprios companheiros de banda, um baixista cheirando montanhas de cocaína e um recém contratado guitarrista viciado em heroína.

A tour de promoção do novo disco do Deep Purple começou em Honolulu, Hawai, em novembro de 1975, apenas dois meses após a sua gravação, na Alemanha. Esse seria apenas um show de aquecimento para os shows da Oceania que estavam por vir.

O entrosamento era incrível e a MK IV prometia muito para os próximos shows. Vieram mais apresentações na Nova Zelândia, Austrália e chegam na Indonésia em dezembro.

Se hoje a Indonésia não é um local famoso pelos shows de Rock, imagine então há 30 anos atrás. E foi justamente lá que tudo começa a dar errado. O grupo atrai muita confusão, o que culminou com a morte do guarda costas de Bolin. Patsy Collins estava bêbado e discutiu com dois roadies do grupo no hotel onde todos estavam hospedados. O sujeito abriu a porta errada e caiu no fosso do elevador, de uma altura de seis andares! Naquela noite os roadies mais o manager, Rob Cooksey, foram detidos, levados para uma cela na delegacia local e acusados de assassinato. Enquanto rolava essa confusão a banda se apresentava num estádio com capacidade para 100.000 pessoas. A polícia resolve agir atirando balas de borracha e bombas de efeito moral contra a multidão que violentamente revidava a violência policial. O episódio deixou mais de 200 feridos em estado grave no hospital de Jacarta.

retratos da tour japonesa - dezembro de 1975

"Quando eu soube que Tommy era o novo guitarrista do Deep Purple eu pensei comigo mesmo: Que demais! Ele sempre foi tão humilde...Lembro dele constantemente me convidar para visitá-lo em sua casa, em Hollywood. Ele queria me mostrar sua guitarra. Um dia eu resolvi aparecer por lá. A casa estava aberta, eu entrei e o procurei mas não achei ninguém por perto...não havia nada por lá, nem móveis...Fiquei esperando uns dez minutos e finalmente ele apareceu. Me mostrou sua guitarra e eu reparei que as cordas estavam completamente enferrujadas, parecia que não eram trocadas em quatro anos... Comentei se ele não achava que estava na hora de dar um fim naquele encordoamento...Ele respondeu com cara séria: Você acha mesmo que eu devo trocar essas cordas?..."

Ritchie Blackmore (extraído de uma entrevista na revista Guitar World, fevereiro de 1991)

Jon Lord depois comentou ter ficado realmente impressionado com toda aquela violência. Desconfiou desde o início que o segurança de Bolin talvez tivesse sido assassinado por policiais locais e lembrou que do palco chegou a ver um rapaz cabeludo ser praticamente devorado e arrastado por um doberman da polícia durante aquele show na Indonésia..

Para completar o quadro já trágico, Tommy Bolin, no auge do vício em heroína, acaba atingindo um nervo de sua mão esquerda enquanto se aplicava O acidente acabou paralisando todo o braço do guitarrista. A tour japonesa que estava por vir corria sério risco de ser cancelada. Um misto de frustração e angústia já tomava conta de todos, afinal de contas o Deep Purple era uma banda de muito sucesso e prestígio no Japão, vide o sucesso do disco *Made In Japan* mundo afora, gravado na época de ouro da MKII. Para se ter idéia maior do drama, os últimos shows do grupo na terra do sol nascente tinham acontecido dois anos antes (1973), ainda com Ian Gillan e Roger Glover, ou seja, Coverdale e Hughes nunca tinham tocado por lá, assim como Bolin A expectativa era imensa. .the show must go on..

Sair da Indonésia foi um verdadeiro milagre. A polícia local exigiu uma grana preta para liberar os roadies e o manager da banda (o Deep Purple deixou o país no vermelho). No Aeroporto resolveram encrencar com Glenn Hughes, que por pouco não perdeu o vôo para o Japão

O grupo chegou em Tóquio num sábado à noite e a estréia seria em Nagoya no dia seguinte. Todos esperavam uma recuperação milagrosa por parte de Bolin. O guitarrista resolve dar uma volta pela cidade com uma amiga japonesa e no caminho uma senhora se oferece para ler a mão de Bolin. Esse não hesita e pede para sua amiga traduzir o que aquela senhora dizia. Ela na hora sacou que Bolin era um astro, que tinha assumido uma grande responsabilidade e que iria se curar do braço mas não tão brevemente . Mas o que animou mesmo Bolin foi o fato dela ter dito que ele brilharia com o Purple, mas alcançaria muito mais sucesso com sua própria carreira. Isso parecia animar um pouco o deprimido músico.

O show de Nagoya foi algo muito próximo de um desastre Bolin não conseguia tocar sua guitarra Sobrou para Jon Lord que fez praticamente todos os solos do guitarrista no seu teclado. A platéia ensandecida e abalada com o volume altíssimo dos PAs parecia não prestar muita atenção nesse "pequeno" detalhe. Jon Lord abriu o jogo na revista norte-americana Guitar World: "Aquele garoto (Bolin) era muito bom. Ele podia tocar qualquer estilo com maestria, porém era muito diferente de Ritchie Sua técnica vinha de si próprio, era completamente natural no seu jeito de tocar...Quando estava num bom astral, tocava como ninguém, mas quando estava mal consigo mesmo, era horrível..."

Na manhã seguinte, Bolin, desesperado, resolveu fazer acupuntura com um especialista, o que não adiantou muita coisa. O guitarrista ainda tentou tocar com uma espécie de cobertor elétrico envolto em seu braço no show de Osaka, mas nada disso resolvia o fatídico problema. O grande show de Tóquio no famoso Budokan Hall se aproximava e ele seria filmado e gravado para um possível disco ao vivo O promotor japonês exigiu que Bolin fosse procurar um médico antes do espetáculo. Feito a vontade do promotor, o médico fez uma massagem "daquelas" no braço de Bolin, que chegou a se assustar com o doutor, alegando que esse tinha hábitos completamente insanos para um médico convencional

O que o pessoal do Deep Purple não sabia era que Bolin começava também a ficar viciado em picos de morfina, o que deixava o guitarrista cada vez mais longe da realidade, isolado e deprimido

Chegado o grande dia, 12 mil fãs foram conferir o novo Deep Purple ao vivo. A banda levou especialmente o produtor Martin Birch para cuidar da gravação do show e contratou duas equipes de filmagem para registrar o concerto. Toda essa euforia pode ser conferida no disco póstumo *Last Concert In Japan*, e também no CD *This Time Around – Live In Tokyo*, que contém a apresentação na íntegra. O filme foi lançado com o nome de "Rises Over Japan", com apenas cinco músicas daquele histórico show. Engraçado é conferir o comportamento alucinado da platéia quando a banda encerra seu set com 'Highway Star', algo inesperado da geralmente comportadíssima platéia nipônica.

A atuação de Bolin milagrosamente tinha sido melhor que as anteriores, apesar de que na abertura com 'Burn' ele não ter conseguido tocar o riff característico, deixando a responsabilidade toda para Jon Lord. Outro problema grave enfrentado pelo grupo: Glenn Hughes menosprezava David Coverdale nos shows. Além de deixar o vocalista jogado num canto do palco, Hughes só se empolgava mesmo quando Bolin vinha a seu lado. Nos famosos duetos vocais com Coverdale, Hughes fazia questão de subir cada vez mais o tom, parecendo querer deixar claro que sua voz era mais potente e maleável do que a do companheiro. Coverdale passava a maior parte do show no Backstage, deixando Hughes sozinho nas longas versões de 'Getting Tighter' e outros improvisos vocais do baixista, como em 'Georgia On My Mind'. Coverdale relembra: "Tudo aquilo era muito frustrante pra mim, muito monótono também. 'Mistreated' não estava naquele set list, e era onde eu mais brilhava. ."

Passado todo esse estresse da tour japonesa, o ano vinha chegando ao fim. O show de Hong Kong, que seria no dia 19 de dezembro, é cancelado e todos voltam para casa para as festas de fim de ano. Era preciso muito descanso pois a tour norte-americana teria início em janeiro.

nota, fazendo-os a seu próprio estilo, o que irritava alguns fãs. Apesar da rivalidade Blackmore até elogiou Bolin na imprensa da época: "Bolin é um ótimo guitarrista. Um dos melhores que se tem por aí. Acredito que os músicos do Deep Purple estejam felizes em tê-lo na banda. Eles podem até ter um som mais funky do que a minha banda (Rainbow), mas eu particularmente não curto esse tipo de som."

Um lance curioso e que foi pouco divulgado é que, nessa época, Ritchie Blackmore estava movendo um processo contra sua ex-esposa e Tommy Bolin foi convidado a ser testemunha em favor de Blackmore. Outros convidados: Keith Moon, Jeff Beck e Salvador Dali. Bolin acabou não comparecendo.

No estado do Texas, cinco datas estavam agendadas em diferentes cidades. A banda seguia para os shows no seu avião particular. Pelas estradas, uma caminhonete contendo uma dupla de traficantes seguia o grupo onde quer que eles estivessem. Seus melhores clientes estavam no Deep Purple (Glenn Hughes e Tommy Bolin). Quem relembra o fato é o editor da *Kerrang*, Geoff Barton, que nessa altura cobria a tour norte-americana do grupo para o semanário inglês *Sounds*: "Eu sempre via esses dois caras com chapéu de cowboy seguindo a banda nos hotéis, restaurantes, casas noturnas, etc. Pra mim eles eram só mais dois fãs yankees do Deep Purple. A ficha só caiu quando fui entrevistar Glenn Hughes num quarto de hotel em San Antonio. Ele estava com uma montanha de cocaína em cima de uma mesa de vidro. No mesmo quarto estavam aqueles dois caras esquisitos que cheiraram tudo com notas de 100 dólares! Parecia uma cena do filme "Scarface"! Fui apresentado a eles naquela ocasião e aí saquei quem realmente eles eram ." Glenn Hughes complementou numa matéria da revista Classic Rock: "Esses caras eram fornecedores dos Stones, e sempre que a banda tocava na América eles estavam por perto. Engraçado que eles me davam as drogas, eram meus amigos, nunca precisei comprar..." (Se . sei)

Até mesmo a inseparável dupla Bolin-Hughes acabou estremecendo suas relações nesse período. Ambos resolveram fazer tardes de autógrafos em duas lojas de discos em Dallas. Nas lojas, o material promocional distribuído pela gravadora de Bolin (Nemperor) saltava aos olhos. Posters, displays, banners, faixas e tudo mais. Já *Come Taste The Band* ficava modestamente escondido nas prateleiras. Os fãs locais só queriam saber do guitarrista norte-americano, o que foi deixando Hughes totalmente puto da vida. Numa das lojas, uma imensa faixa anunciava a tarde de autógrafos com Bolin sem sequer mencionar o nome Deep Purple, muito menos o de Glenn Hughes. Os dois voltaram para o hotel e não trocaram sequer uma palavra durante o trajeto da limusine ...a tensão pairava sobre todos.

O show seguinte, em Houston, foi fenomenal. Bolin, inspirado, tocou como se fosse sua última apresentação. A acústica do Coliseum favoreceu todo o monstruoso volume que o Deep Purple apresentava naqueles tempos. Todo mundo saiu boquiaberto e com uma certeza: a de que Bolin era definitivamente a melhor escolha que o Deep Purple poderia ter feito. Um ótimo registro dessa tour pela América é o CD duplo *On The Wings of a Russian Foxbat - Live in California 1976*, excelente gravação onde o Purple põe abaixo a famosa Long Beach Arena.

Retratos da Tour norte-americana de janeiro e fevereiro de1976: Bolin promovendo seu *Teaser*, Hughes na limosine e Coverdale ao lado do manager Rob Cooksey, posando com o modesto avião da banda ao fundo.

A Tour norte-americana

Os shows se iniciaram na cidade de Fayetteville, Carolina do Norte, em 14 de janeiro, e terminariam em Denver, Colorado, no dia 04 de março, com abertura do grupo Nazareth. A situação não era nada acolhedora; a crítica especializada norte-americana havia malhado *Come Taste*...o que possivelmente resultou na platéia apática e sem empolgação dos shows pela América.

Em alguns shows dessa tour, fãs mais exaltados e radicais gritavam "Blackmore! Blackmore!", desapontados com a má atuação de Bolin, principalmente nos solos das músicas mais antigas como 'Highway Star' e 'Burn', onde a guitarra de Blackmore era muito característica. Bolin fazia questão de não tirar os solos nota por

As datas britânicas e a despedida

Em março o Purple partiu para cinco datas na Inglaterra que ficariam para sempre marcadas por serem as últimas apresentações não só da Mark IV mas também do Deep Purple. A imprensa britânica estava até mais hostil do que a norte-americana, acusando o grupo de ser uma paródia desastrosa da grande banda que um dia haviam sido.

Os dois últimos shows foram realmente traumáticos.

Com a palavra, Glenn Hughes. "No nosso penúltimo show, no Glasgow Apollo, Escócia, eu pensei que ia morrer. Me recusei a fazer a encore com 'This Time Around' e Jon Lord me ameaçou... Na verdade ele me atirou de volta ao palco..."

o último show no Liverpool Empire Theatre - 15/03/1976

Jon Lord também não esqueceu da situação constrangedora. "Eu precisei empurrar Glenn novamente para o palco e forçá-lo a fazer aquela encore. Foi deprimente, tudo estava acabado . Pela primeira vez senti vergonha de estar no Deep Purple ." e complementa "Quando chegamos na Inglaterra, Bolin estava completamente perdido Pra piorar, os fãs ingleses estavam furiosos por ver seu favorito grupo local com um guitarrista norte-americano Na maioria das noites Bolin ganhava novos fãs, mas em outras ele acabava se desentendendo e gritando com alguns mais exaltados...No show de Liverpool, eu e Paice decidimos acabar com a banda quando estávamos no Backstage antes mesmo do show. Passados dez minutos, Coverdale veio a meu camarim e disse que estava deixando o grupo. Eu falei para ele que não havia mais grupo para se deixar. ."

O show em Liverpool viria mesmo a ser o último, apesar de uma tour pela Alemanha estar previamente agendada. A abertura do show com 'Burn', trazendo Bolin engasgando no riff inicial e deixando um imenso buraco na muralha sonora, já deixava bem claro que a banda ia cada vez pior.

Em 'Owed to G', seguida do tradicional solo que o guitarrista vinha fazendo em toda tour, a decepção era geral O solo era uma maçaroca sônica de delays, reverbs e flangers retorcidos. Bolin não conseguia tocar mais nada, o que saía de sua guitarra era basicamente barulho

Gritos de "Sai fora" e "Nós queremos Ritchie de volta" eram ecoados em unissono pelo recinto - o constrangimento era monstruoso. A situação era tão tensa que dificilmente os cinco integrantes ficavam juntos no palco ao mesmo tempo

Official Programme

O show foi chegando ao final e David Coverdale aos prantos fala no microfone, "That's It" e abandona o palco logo após 'Highway Star' e 'Not Fade Away'

Glenn Hughes retoma e tenta puxar uma segunda encore, chamando seus companheiros de volta ao palco. Hughes ainda esperou um tempo sozinho no palco e como ninguém voltou ele chacoalhou a cabeça e num gesto de pura raiva e frustração arremessou seu baixo para o alto e o deixou espatifar no chão, abandonando o palco em seguida, com um ruído ensurdecedor saindo dos alto-falantes.

E então tudo estava acabado.

Tommy Bolin

Aquele jovem guitarrista voltava pra casa absolutamente irreconhecível. O tímido e charmoso garoto que tinha optado em abandonar a escola ao invés de ter que cortar seu cabelo estava com a saúde abalada após passar pouco menos de um ano com o Deep Purple.

Sua personalidade havia mudado completamente, os excessos estavam acabando com aquele cara...

Após o show de Liverpool, o Deep Purple finalmente encerrava suas atividades, cancelando uma tour pela Alemanha e mandando Tommy Bolin de volta pra casa. O anúncio oficial sobre o fim do grupo só seria divulgado em julho de 1976, quando Tommy já estava preparando seu segundo disco solo, *Private Eyes*.

Nessa época remontou uma nova versão de sua banda, a The Tommy Bolin Band, com Mark Stein (ex-Vanilla Fudge e Boomerang) nos teclados e Narada Michael Walden na bateria, entre outros. Excursionou abrindo para Robin Trower e Steve Marriot e ainda arrumou tempo de gravar algumas sessões com a banda canadense Moxy. Seus discos solo eram um perfeito retrato de seu estilo de vida intenso e sempre perigoso. *Teaser* mesclava peso e swing como na sexy faixa título, além de belos temas como 'Lotus', 'The Grind' e na excepcional 'Dreamer', em que ele dividia os vocais com Glenn Hughes. 'Wild Dogs' e 'Homeward Strut' pintavam sempre no set do Purple. Outras paixões do guitarrista eram as músicas instrumentais com tempero jazz e as baladas.

Private Eyes seguia o mesmo caminho e surgia com um repertório elegante como 'Shake The Devil', 'Someday Will Bring Our Love Home', 'Post Toastee' e 'Bustin' Out For Rosie' trazendo sempre o vocal marcante e peculiar de Bolin que ia fazendo shows em pequenos clubes com sua banda. Um de seus planos consistia em formar um super grupo ao lado de Billy Cobham e Glenn Hughes, o que nunca chegou a acontecer.

No dia 03 de dezembro de 1976, Bolin estava em Miami e abriu o show de Jeff Beck no Jai Alai Fronton Hall Club. No backstage posou para fotos ao lado de Beck e voltou para o hotel. Chegando lá, estacionou no Bar e tomou vários drinks, como de costume. Por volta da 1:00 da manhã subiu para o quarto de seu guarda costas, onde se encontravam cerca de 20 pessoas fazendo uma "festinha particular". Em seguida rumou junto com a namorada para seu próprio quarto. No meio de uma ligação telefônica, Bolin simplesmente apagou. A moça foi ao quarto do segurança pedir ajuda e quando este chegou, Bolin estava desacordado. O guitarrista foi colocado sem roupa debaixo de uma ducha gelada, mas não esboçou nenhum sinal de melhora. Deitaram o músico na cama, mas como ele havia consumido heroína, valium e álcool todos ficaram temerosos em chamar um médico. Por volta das 3:00 da manhã a respiração de Bolin foi ficando cada vez mais fraca e esparsa e os roadies deixaram o guitarrista deitado somente com sua namorada no quarto. A garota, vendo que Bolin estava realmente num péssimo estado, chamou os médicos somente às 8:00 da manhã. Ele havia sido sufocado por uma espécie de paralisação muscular causada pela overdose. Tarde demais. Bolin estava morto antes mesmo da ambulância chegar. O legista alegou ter achado quatro marcas recentes de agulhas no antebraço do rapaz e o atestado de óbito indicou overdose por heroína, morfina, lidocaína e álcool. Tinha apenas 25 anos de idade.

O enterro foi realizado em Sioux City em uma cerimônia organizada pela família para 350 convidados. Uma ex-namorada de Bolin, Karen voou de Londres para Iowa para comparecer ao funeral e trouxe consigo um anel que foi colocado no dedo do guitarrista antes do sepultamento. O anel tinha sido presente do manager do Deep Purple, Rob Cooksey, que ofertou a jóia ao guitarrista. Segundo o manager, Jimi Hendrix estava usando esse anel quando morreu e Karen havia guardado a peça com ela porque tinha certeza que Bolin provavelmente perderia a jóia. Histórias do mundo do rock...

última foto ao lado de Jeff Beck

Pérola Escondida

CHARLEE

Para adentrarmos na curiosa e fugaz trajetória da banda Charlee precisamos antes passar a limpo a história de um fenômeno da guitarra dos anos 70 – Walter Rossi

Nascido na Itália, Rossi sempre respirou música ao seu redor. Sua mãe era uma cigana de Nápoles que cantava nas horas vagas. Seu pai era carpinteiro e tocava violão, justamente o instrumento que o jovem Rossi namorava na infância, não vendo a hora de finalmente colocar as mãos sobre aquelas cordas. A família logo se muda para o Canadá aonde o jovem garoto poderia ter mais oportunidades do que na Itália do pós-guerra.

Com 15 anos de idade Rossi descobriu que a guitarra poderia mostrar sons e nuances nunca antes imaginadas. O jeito era descolar umas aulas, o que não adiantou muita coisa já que Rossi aprendia muito mais tocando sozinho no seu quarto e ouvindo Elvis Presley, Little Richard, The Ventures e Duane Eddy no rádio.

A paixão rapidamente se tornou obsessão e a guitarra se tornou a maior companheira de Rossi, principalmente após perder sua mãe prematuramente, ainda na época de colegio

Não demorou muito para que o garoto rumasse para a parte mais barra pesada de Montreal só para fazer um som nos clubes de R&B ao lado de bandas como os Soulmates. Nessas gigs Rossi conheceu um baterista maluco, negro, gordo e com um som de batera ao mesmo tempo pesado e swingado, seu nome era Buddy Miles. Essa amizade com Miles foi crucial para o ingresso de Rossi no mundo da música, tanto que numa tarde Miles recebe uma ligação de New York. Era Wilson Pickett o escalando para sua banda...No meio da conversa Pickett comenta com Miles que precisava também de um guitarrista. O batera sem titubear coloca Rossi na parada e depois de uma audição no Massey Hall, em Toronto, este é efetivado como guitarrista da banda de Wilson Pickett. Para um jovem guitarrista italiano de 18 anos excursionar pela América em pleno "Summer Of Love" (1967) era um verdadeiro sonho, tocando para platéias de 20.000 pessoas em média e dividindo o palco com artistas como Otis Redding e Sam & Dave

Apesar do entrosamento com o grupo (Rossi era o único membro branco do combo de Pickett) e da amizade com Miles, o guitarrista resolve abandonar tudo em 1968. Seu pai havia adoecido bastante no Canadá e Rossi era o único membro da família no continente americano, uma vez que seus irmãos tinham voltado para a Itália. O jeito, então, foi voltar pra casa

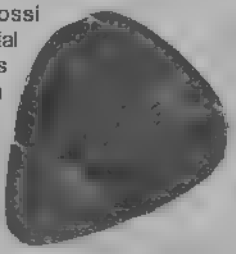
Nesse período forma em Montreal o The Influence, que chegou a gravar um álbum no Bell Studios, em New York. O maior mérito da banda foi passar dois meses abrindo shows para os Doors e Steppenwolf. O som do grupo era bem humorado, na linha dos Mothers de Zappa.

Com a melhora na saúde de seu pai, Rossi volta a New York em 1970 para integrar o Buddy Miles Express, que além de Miles trazia também o baixista Billy Cox. No estudio, grava a música 'Them Changes'. Hendrix forma então a Band of Gypsies com Miles e Cox e naqueles históricos concertos do Fillmore East recriam uma versão esmagadora de 'Them Changes'. Rossi acompanha todos os preparativos do show, fica amigo de Hendrix e até faz algumas jams com ele.

Abalado com a morte de Hendrix, mas ao mesmo tempo contaminado pela febre dos trios de Hard, resolve montar um power trio em 1971, nos moldes do Cream e do próprio Band Of Gypsies, o Charlee.

A banda logo descola um contrato com a RCA canadense que em 1972 coloca na praça o disco simplesmente chamado *Charlee*

Em apenas oito faixas, Walter Rossi (guitarras, vocais), Jack Geisinger (baixo) e Mike Driscol (bateria) esbanjam classe. O timbre conseguido pelo guitarrista nesse álbum é algo a ser estudado. Basta reparar quando ele entra com a guitarra na faixa de abertura, a instrumental 'Wizzard', uma espécie de blues intergalático, uma pequena obra-prima. A segunda faixa, a hendrixiana 'Lord Knows I've Won' fica por quatro semanas no topo da parada australiana. 'A Way To Die', com seus quase sete minutos, pode ser considerada um achado. Bela e sensivelmente melódica a guitarra e a voz de Rossi surpreendem nesse tema, que teve a participação especial de Prakash John no baixo (que depois integraria as bandas de Lou Reed e Alice Cooper). Ouvindo essa música a inevitável questão volta à mente. Como uma banda desse nível pode ter ficado só no primeiro disco?



Outros destaques do álbum são 'Let's Keep Silent' (Hendrix em estado bruto), o peso mastodôntico de 'Wheel Of Fortune Turning' e o Hardão-fusion com diversos climas de 'It Isn't The First Time'

Com a excelente estréia em vinil, a banda consegue um relativo sucesso. É agendada uma tour com o New York Dolls, mas o que rouba o espetáculo mesmo é a guitarra de Rossi. Os convites ao guitarrista voltam a aparecer. Three Dog Night e David Bowie, entre outros.

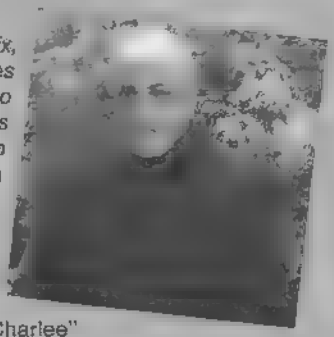
Rossi preocupado novamente com a saúde do pai (que viria a falecer logo depois), recusa tudo e volta novamente para o Canadá, onde encerra o Charlee e se torna músico de estúdio entre 1973-1976. É bom lembrar que o Charlee depois influenciaria muitos outros trios também admiradores da obra de Hendrix, como o Mahogany Rush, de Frank Marino, a carreira solo de Robin Trower e outros..

Em 1977 se lança numa carreira solo de bastante prestígio local. Os maiores destaques são os discos Walter Rossi (1977), Six Strings Nine Lives (1978) e o impecável Diamonds For The Kid (1979), que lhe rendeu um prêmio Juno (o Grammy canadense)

de melhor vocalista - uma heresia em se tratando de um guitarrista desse porte!

Nos anos 80 atuou mais como musico contratado, arranjador e produtor do que como guitarrista, tendo gravado até com artistas da Disco Music e ídolos teens de New Wave e Dance Music. Nos anos 90 se tornou fazendeiro e voltou aos estúdios para gravar em 1994 o disco *One Foot In Hell*. No ano passado, depois de 15 anos, Rossi voltou aos palcos, para uma bem sucedida tour pelo Canadá. Para comemorar, de quebra, lançou um novo álbum, *Secret Sins – The Intimate Album Vol.I*.

UM PAPO COM WALTER ROSSI



poeira Zine - *Depois da morte de Hendrix, você despontou como um dos grandes nomes do estilo. O Charlee apareceu logo nessa época, bem antes de outros seguidores de Hendrix, como o Mahogany Rush, de Frank Marino e da carreira solo de Robin Trower, entre outros. Por que o Charlee durou tão pouco apesar de ter lançado uma promissora estréia em 1972?*

Walter Rossi Naquela época o "Charlee" assinou com a RCA records. No Canadá do início dos anos 70 os artistas mais populares eram Anne Murray, Gordon Lightfoot, .Então você pode imaginar o quanto era diferente o som do "Charlee" para a RCA records. Eles queriam achar uma maneira da nossa banda tocar no rádio e atingir o grande público. Até que um dia o presidente da gravadora chegou para mim e confessou que não conseguia entender o tipo de música que o Charlee fazia. Daí você já imagina como eu me senti naquele instante. Tínhamos também outros problemas. O engenheiro de som que cuidou do nosso álbum não era preparado para aquele tipo de música. guitarras altas, um grande som de bateria, precisávamos de uma técnica de gravação completamente diferente. Tive sorte pois ele entrou na minha e me deu um dos melhores sons de guitarra que eu tive na minha carreira. Voltando à questão, não conseguimos uma projeção nas rádios, nosso som era muito agressivo e isso mostrava que estávamos a frente das demais bandas canadenses da época. A indústria musical no Canadá sempre foi, e ainda é, muito cega, então não tínhamos ânimo para continuar trabalhando com a banda e pensar num segundo álbum. No meu ponto de vista o Charlee e o Mahogany Rush foram os primeiros power-trios canadenses (nota. Walter tem razão, depois que vieram o Rush, o Triumph, etc.).

pZ - *Com Pickett você desbravou a América com apenas 18 anos de idade. Como foi dividir o mesmo palco com bandas como o Cream e o The Who?*

WR - Foi num show no RKO Theater, em Nova York, que eu percebi que minha vida musical mudaria definitivamente.
Um grande promotor da cidade, chamado "Murray the K" agendou quatro datas no RKO Theater que acomodava cerca de 5 500 pessoas. A dupla Sonny and Cher abriu o show e na seqüência veio o Mandela, grupo canadense onde tocava meu grande amigo e excelente guitarrista Domenic Troiano (nota: substituto de Joe Walsh no James Gang). The Blues Magoos fez também seu set e depois o Cream subiu no palco, sendo que essa era a primeira aparição deles na América. Depois veio The Rascals, logo seguidos pelo The Who, que simplesmente deixou o palco em pedaços! Wilson Pickett encerrou aquela fabulosa noite. Ele era muito popular na América graças a músicas como "Midnight Hour", "Land of a Thousand Dances", "99 ½" e outras. .Você consegue imaginar como ficou a minha cabeça depois desse dia? Eu lá sentado no Backstage, com meus 18 anos e conversando com toda essa galera .Fiquei impressionado. Quando eu vi e ouvi Eric Clapton solando com sua muralha de Marshall's em todas as músicas do set do Cream, com toda aquela liberdade de expressão, decidi que aquilo era o que eu queria fazer da vida .Dois meses depois eu pedi as contas na banda de Pickett e Bobby Womack entrou no meu lugar. Até hoje sou muito agradecido pelo que Wilson Pickett fez por mim, ele foi mais que um amigo: foi um pai. Eu aprendi muito com esse cara que eu ainda considero um dos melhores cantores de R&B de todos os tempos.

pZ - *E como eram os tempos de Buddy Miles Express? É verdade que o Hendrix imitou sua guitarra na versão da Band Of Gypsies para 'Them Changes'?*

WR - Buddy também foi batera da banda de Wilson Pickett, onde tocamos juntos por seis meses. Depois ele largou tudo, pois recebeu uma oferta de Mike Bloomfield para tocar no Electric Flag. Fiquei sem ver Buddy por mais de um ano e voltei para Montreal para cuidar do meu pai, já que sua saúde piorava cada vez mais. Nessa época recebi uma ligação de Buddy dizendo que estava montando sua banda, a The Buddy Miles Express, e queria que eu fosse para NY tocar com eles. Meu pai insistiu para eu ir e chegando lá fui apresentado a Bil y Cox. Tocamos em várias Universidades pela América e com essa formação gravamos o sucesso 'Them Changes', em Chicago. Nessa época fui apresentado a Hendrix, que era muito amigo de Buddy que por sua vez estava bem mal de grana e com uma série de problemas com sua gravadora (Mercury). Hendrix deu uma força para o amigo e eles formaram a Band of Gypsies. No disco ao vivo no Fillmore East, você pode ouvir Buddy fazendo sua 'Them Changes', e se você tiver a oportunidade de ouvir as duas versões vai perceber uma grande semelhança entre o meu solo da versão original e a versão do álbum da Band Of Gypsies. Eu encarei como uma forma de elogio, Jimi era fantástico e único.

pZ - *Você realizou um sonho de praticamente todo guitarrista: fez uma Jam com Hendrix na época da Band of Gypsies. Quais as lembranças desse encontro?*

WR – Eu entendo que você veja essa situação dessa forma, mas para mim acontecia de uma forma diferente, eu apenas estava curtindo com meus amigos. Quando Buddy Miles e Billy Cox ensaiavam para a Band of Gypsies, Jimi estava em Toronto respondendo um processo por posse de drogas, então, era eu quem ensaiava com os rapazes.
Jimi era tão popular com as garotas que elas não o deixavam andar por aí. Quando as groupies descobriam onde ele morava, tudo virava um caos para ele.
Várias vezes depois dos ensaios da Band Of Gypsies nós íamos relaxar no seu loft, fumávamos uns baseados, bebíamos um pouco e ficávamos lá, largados, tocando juntos, conversando, esse tipo de coisa.
Outro fato marcante pra mim foi assistir algumas sessões de gravação de Jimi no seu Electric Ladyland Studio. Eddy Kramer era o engenheiro e eu aprendi muito com essa experiência.

pZ - *É verdade que você recusou convites de David Bowie, Janis Joplin, Little Richard e do Three Dog Night? Por quê?*

WR – "Recusou" não é a palavra correta. Eu simplesmente não tive escolha. Meu pai estava cada vez pior, fazendo constantes visitas aos hospitais. Não tinha como eu aceitar aquelas tentadoras ofertas. Naquela situação eu não poderia me imaginar a 3000 milhas de distância do meu pai. Ele veio a falecer em 1975.

pZ – *Walter, muito obrigado pela entrevista! Foi um prazer falar contigo!*

WR- Eu que agradeço muito pela oportunidade de entrar em contato com o público brasileiro. Aliás, aproveitando a deixa, tem alguma mulher inteligente, bela e solteira aí na sua área?
(Garotas, o coroa é um partidão, hein!!!!)
Para entrar em contato com Walter Rossi: **www.walterrossi.net**

CAPTAIN TRIPS
João Pacheco
Rock dos anos 60, 70, e 80
www.feirabeneditocalixto.com.br/ctrips.htm
jmcpacheco@hotmail.com
CD's & LP's / Compra - Venda - Troca
Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

A primeira edição do famoso festival apostou forte no Rock nacional...

Naquele histórico mês de janeiro de 1974, o Rio de Janeiro não poderia ficar de fora do circuito dos grandes Festivais ao ar livre, que se tornavam mania entre os jovens brasileiros. Com o verão carioca ardendo em seus tradicionais 40 graus na sombra e a molecada doidinha pra mais um "desbunde", estava na cara que o rock ia mesmo rolar.

Nélson Motta, o famoso playboy carioca que sempre esteve no lugar certo e na hora idem não poderia deixar passar essa oportunidade.

Estando sempre metido com a High Society e com os malucos de plantão, Motta foi o primeiro VJ da TV brasileira ao apresentar o Sábado Som, na TV Globo, que na sua estréia paralisou o país numa tarde de sábado para exibir o famoso filme do Pink Floyd nas ruínas de Pompéia. Depois seguiram tapes de shows do Deep Purple, Black Sabbath, Foghat, Emerson Lake & Palmer, UFO e muitos outros.

Na própria TV Globo, um jovem gorducho vinha aterrorizando as tardes do telejornal "Hoje" sempre trazendo quentíssimas news sobre o Rock Internacional, e com seu indefectível jargão: "Hello Crazy People!".

Era ninguém menos que Newton Duarte, ou melhor, o Big Boy, o mais importante Disc Jóquei que o Brasil já teve. Nélson Motta sabia disso e não segurou a onda por muito tempo, logo pedindo para Big Boy assumir o comando do Sábado Som, daí foi um estouro. (nota: é difícil começar a falar do Big Boy e de repente mudar de assunto, mas prometo para breve um especial sobre "O" cara.)

Nélson Motta como de bobo nunca teve nada, sacou a demanda por Festivais de grande porte e logo tratou de organizar um. Sua idéia foi logo comprada pela Souza Cruz, que achou uma ótima idéia poder vender sua marca mais famosa (Hollywood o sucessoooo) para a geração jovem e roqueira. Os contatos entre a elite carioca e o fato de ser da TV Globo também facilitaram muito as coisas, além do lance do Sábado Som, que fazia muito bem à imagem de Nelsinho perante a juventude da época. O Festival seria realizado em quatro sábados seguidos, no Estádio do Botafogo, localizado na Rua General Severiano.

O palco de 180 metros quadrados foi construído especialmente para a ocasião. A cobertura foi feita com telhas transparentes visando uma maior resistência às possíveis chuvas tropicais do nosso verão, como estamos já bem acostumados. Curioso é o fato de que, poucos meses antes, Rita e Erasmo dividiam o mesmo palco no Estádio do Fluminense, quando um temporal desabou. A cobertura era de lona e o acumulo de água foi enorme, fazendo com que toda cobertura cedesse. Todo o equipamento do Tutti Frutti, do Erasmo e da Transasom (empresa de Eduardo Lemos, a mais requisitada em equipamentos de palco da época) foi perdido. O drama não poderia se repetir novamente...

No dia 11 de janeiro de 1975, exatos dez anos antes do primeiro Rock In Rio, uma moçada alegre, doidona e bronzeada se aglomerou para conferir o show da Rita com o Tutti Frutti. Com um ingresso baratinho (15 Cruzeiros na época), a diversão estava quase garantida se não fosse a apresentação morna da cantora, grilada com a maçaroca que saía das caixas de som. A banda ainda promovia o excelente disco *Atrás do Porto Tem Uma Cidade*, e se preparava para lançar naquele ano que começava o seu melhor registro – *Fruto Proibido*. O que destacava o Tutti Frutti das demais bandas era o fato deles realmente caírem na estrada desbravando todo o território brasileiro, com caminhões carregando seis toneladas de equipamentos. Os shows, sempre lotados pelo Norte e Nordeste afora, mostravam que havia um enorme potencial de público roqueiro ainda não explorado pelos conjuntos do estilo. Quem deve ter curtido o show foi São Pedro que não mandou água naquela quente noite do verão carioca.

No segundo sábado de Festival, o dia 18 de janeiro, coincidentemente também a segunda noite do Festival de Águas Claras, a noite mais progressiva do Festival realmente prometia. Veludo e os Mutantes estavam estrategicamente escalados para ser um concorrente à altura das estrelas progressivas em Iacanga e cerca de 15.000 pessoas compareceram, de longe o maior público do evento. O Veludo era formado por Aristides na bateria, Elias nos teclados, Paul de Castro na guitarra (esses dois últimos que já haviam tocado com Zé Rodrix) e Nelsinho no baixo.

Essa era a segunda aparição da banda em público (a primeira tinha sido na abertura da Temporada de Verão no Teatro João Caetano, em outubro de 1974, ao lado do Terço e Mutantes). O grupo nascido das cinzas do Veludo Elétrico era apadrinhado por Nélson Motta e foi uma das únicas bandas brasileiras a participar do Sábado Som

Já os Mutantes vinham estourando com o elepê *Tudo Foi feito Pelo Sol*, lançado dois meses antes, em novembro de 1974. O disco foi de cara um enorme sucesso, sendo de longe o LP mais bem sucedido comercialmente da banda (cerca de 30 000 cópias vendidas). A formação da época só trazia Sérgio Dias de membro original, tendo Túlio Mourão nos teclados, Antônio Pedro de Medeiros no baixo e Rui Motta na bateria (todos ex-integrantes do Veludo Elétrico).

Sendo a maior atração do Hollywood Rock, os Mutantes entraram em cena e desabou um temporal sem precedentes, como explica melhor Auro Soderi Jr., responsável pela iluminação do evento: "Depois do show do Veludo caiu uma tempestade e o palco veio abaixo! Os Mutantes tinham acabado de entrar em cena e por pouco não aconteceu uma tragédia! Caía raio no gramado, trovões ecoavam e a galera delirava (risos)! Carregamos todo o equipamento pra fora do palco, tentando ao menos salvar alguma coisa! Foi tudo muito rápido, no primeiro acorde do Túlio (Mourão tecladista dos Mutantes na época) caiu um pedaço do palco bem na cabeça dele, ainda bem que ele estava com uma cartola (risos)!" e emenda. "Eu estava ensopado, arrasado e pra piorar a situação o Nélson Motta não queria me pagar devido à tempestade e aos prejuízos que estavam cada vez maiores Encostei o Nélson na parede e pedi uma roupa emprestada para o Samuca (nota: empresário dos Mutantes na época e filho do jornalista Samuel Wainer e da socialite Danuza Leão) que me emprestou uma roupa do seu pai! (risos)!"

O próprio Nélson Motta não esquece do episódio "O temporal acabou com tudo! Todo mundo debandou, tanto os músicos como o público...Os spots estouravam e a cobertura do palco desabou completamente!" O desastre do Campo do Fluminense voltava a acontecer.

Essa quase tragédia acabou cancelando a apresentação dos Mutantes no Festival de Águas Claras. A banda partiria direto do Rio para Iacanga após o show, mas naquelas condições psicológicas os músicos resolveram desencanar..

Para a terceira noite do Festival (25/01/1975) foram escaladas as bandas O Peso, Vímana e O Terço. O Peso vinha do Ceará e era cria do maluco Luis Carlos Porto. A banda havia participado em 1972 do VII Festival Internacional da Canção (FIC) na TV Globo com a música 'O Pente', sucesso imediato entre os "friques" tupiniquins, já que todo mundo sabia que fechar o baseado com o pente era mais fácil. .A boa apresentação da banda no Hollywood Rock só ajudou já que naquele ano eles lançaram seu primeiro e único registro pela poderosa Polydor, o clássico *Em Busca Do Tempo Perdido*, álbum carregado, pesado e blueseiro, bem diferente do que era feito no Brasil na época. A banda formada por Luis Carlos Porto (vocais), Carlinhos Scart (baixo), Constant Papineau (teclados), Carlos Graça (bateria) e Gabriel O'Meara (guitarra) impressionava pela garra, profissionalismo e grandes solos de guitarra do genial Gabriel O'Meara. Traziam um autêntico visual sujo, chapado, ordinário e completamente maldito. A fama de marginais e arruaceiros que os integrantes do Peso faziam questão de carregar atrapalhou bastante a carreira do grupo que acabou dois anos depois, pois nenhum empresário queria sequer ouvir falar o nome do grupo. Luis Carlos Porto até chegou a lançar um disco solo, sem grande repercussão. O vocalista viveu maus bocados nos anos 80 e 90, quando passou grande parte do tempo em sanatórios cearenses.

O Vímana tinha sido formado por dois outros ex-integrantes do Veludo Elétrico, Lulu Santos nas guitarras e vocais e Fernando Gama no baixo, além de dois ex-integrantes do Módulo 1000 - Luiz Paulo Simas nos teclados e Candinho na bateria. Amparados pelo empresário Carlos Alberto Sion, o Vímana ia impressionando cada vez mais os rockers com seu swing intergalático, como declarou Lulu na revista Rock A História e a Glória: "Fazíamos uma música sensorial e hipnótica que envolvia o espectador com acrobacias musicais e sonoras calcadas na ascendente trip virtuosística que assolava a música dos anos 70". Nesse show do Hollywood Rock, o equipamento de som pifou durante as quatro primeiras músicas, o que fez o publico vaiar a banda. Naquele ano de 1975 eles mudariam de formação e passariam a ter um vocalista inglês, um tal de Ritchie Court, sim aquele mesmo de 'Menina Veneno'. Na época Ritchie era cabeludo, cantava, tocava flauta e percussão e tinha passado pelo Scaladácida, Soma e A Barca do Sol. Na bateria o Vímana também contaria com João Luiz, um moleque de 17 anos, fanático pelo Grand Funk Railroad e que depois passaria a usar o nome artístico de Lobão. O grupo chegou a lançar um compacto pela gravadora Sigla com as faixas 'Zebra' e 'Masquerade', mas o disco completo continua até hoje inédito. Depois da saída de Lulu, o Vímana ficou ensaiando oito meses no Rio com o tecladista Patrick Moraz (Yes, Refugee, Moody Blues), com o intuito de ser a banda oficial do tecladista na Europa. O projeto acabou não dando em nada.

Mostrando ser uma grande força do Rock Brasileiro e Sul-americano, O Terço fechou aquela noite, repetindo o maravilhoso show que fizeram uma semana antes, em Iacanga. A banda foi a única do país que esteve presente em ambos Festivais, o que só vem a confirmar a popularidade da rapaziada naquele ano de 1975

Galeria Nova Barão

A nova opção para quem curte boa música

DISCO 7 (VINIL)
Discos Nacionais Anos 60 e 70
Rock Anos 70
www.disco7.com.br
disco7vinil@ig.com.br
Rua Alta - loja 24
Fones: (11) 3231-1193/9889-2860

ART ROCK
Classic Rock 70
artrockcds@hotmail.com
Rua Alta - loja 48
Fone: (11) 3214-2555

MAFER Records
Rock - MPB
Bossa - Jazz - Psych
dansilmafer@uol.com.br
Rua Alta - loja 28
Fone: (11) 3159-3527

Rua 7 de Abril, 154 - Entrada também pela Rua Barão de Itapetininga, 37 - São Paulo/SP

A picaretagem que a Polydor soltou logo após ao Festival, com platéia "fake" e tudo mais...

No último sábado de Festival, Nélson Motta seguiu a mesma receita da I Semana Internacional de Rock de São Paulo, onde um revival do Rock foi exalado pela velha guarda do estilo. Celly Campelo, Erasmo Carlos e Raul Seixas fizeram a alegria do pessoal. O Estádio não estava com um público muito numeroso naquela noite, mas pelo menos o pessoal estava super animado. Celly Campello, a primeira roqueira do Brasil, ficou à vontade e voltava timidamente aos palcos naquela época, sempre amparada pela força do seu irmão Tony Campello. Celly era contra esse lance de festival de Rock ao ar livre, como declarou na imprensa da época. "A maior parte do público que vai a esse tipo de espetáculo não vai para ouvir música. .Vai pelas bebidas e outras coisas...isso acaba bagunçando tudo. ".

Erasmo estava no auge de sua criatividade pois tinha acabado de lançar o clássico *1990 – Projeto Salva Terra*, um marco em sua carreira e no Rock nacional. Com um super time que contava com Gabriel O'Meara na guitarra, Jorge Amiden no violão, Rubão Sabino no baixo, Paschoal na batera, Perna nos teclados e Ion no sax, o "tremendão" voava com diversos climas, da psicodelia ao samba-rock. Nesse alto astral, o show do Hollywood Rock seria uma arraso e realmente foi .Ao vivo ele manteve o saxofonista e o baixista, e trouxe dois ex-Mutantes, Liminha e Dinho para a guitarra e bateria, respectivamente, e Sérgio Cafageste no piano. Erasmo mais solto, dançante, se mostrava totalmente adaptado aos anos 70 e chegou a declarar na época: "Mesmo com tantas dificuldades o Rock vem crescendo bastante As altas taxas alfandegárias para importar os instrumentos deixa a gente limitado, a censura também deixa a gente limitado. .O importante é que o pessoal está começando a fazer as coisas, os grandes concertos estão aparecendo. Novas bandas estão surgindo e com isso a mentalidade vai abrindo e muitas coisas bonitas irão acontecer...Em pouco tempo haverá uma Floresta de Rock pelo Brasil..."

O registro tanto em áudio como em vídeo do Hollywood Rock são sofríveis O disco lançado pela Polydor era totalmente "fake" e não trazia nada das gravações do Campo do Botafogo. Gravações de estúdio acrescidas do barulho da platéia e demais gravações de shows em outras localidades davam a tônica. Já o filme "Ritmo Alucinante", dirigido por Marcelo França, peca pela péssima qualidade sonora e por não trazer as apresentações dos Mutantes (por mais catastrófica que ela tenha sido), do Terço e do Veludo.

Raul Seixas encerrou o Hollywood Rock com uma apresentação antológica O roqueiro baiano levantou todo mundo com os gritos de "Viva a Sociedade Alternativa". No meio da execução da música Raul fez um discurso agressivo e totalmente subversivo

"Todo homem tem o direito de
viver.. pela sua própria lei
De viver da maneira que ele quer
viver...
De trabalhar como quiser e como
quiser .
De brincar como quiser .
Todo homem tem o direito de
descansar como quiser...
E de morrer.. de morreeeeerrrrr
quando quiser .
O homem tem o direito de pensar o
que quiser .
Tem o direito de dizer o que quiser...
De escrever o que quiser...
De desenhar, pintar, moldar, esculpir,
vestir e amar o que quiser. ."

A ira de Raulzito emocionou a galera e até a Nélson Motta que escreveu em seu 'Notes Tropicais': "Durante dez minutos, Raul falou barbaridades políticas, sexuais e religiosas, levou a garotada ao delírio, realizou nosso sonho roqueiro no campinho da Rua General Severiano."

Raul saiu vivo daquele palco por um verdadeiro milagre, em pleno governo Geisel, época de ditadura ferrenha apesar das promessas de "abertura" época de culto aos amigos mortos nos porões, época de culpa por parte dos que sobreviveram, época das drogas trazendo isolamento e solidão ao invés do auto-conhecimento de outrora, época da morte do jornalista Vladimir Herzog e época em que 38 mil pessoas se aglomeravam na Praça da Sé para "gritar em silêncio".

Prosinha com Nélsinho

Falar com Nélson Motta foi uma autêntica aventura. Com muita insistência consegui arrancar essas respostas que vocês conferem a seguir...

poeira Zine – *Chegou a passar pela sua cabeça chamar alguma atração internacional para a primeira edição do Hollywood Rock?*

Nélson Motta – Não, em momento algum. Só com os artistas brasileiros aquilo já tinha se tornado uma coisa quase impossível de se fazer Foi dificílimo organizar um Festival daquele porte

pZ – *Qual apresentação te impressionou mais?*

NM - Sem dúvida a do Raul Seixas. Naquela mesma noite (a última do Festival) tocaram a Celly Campello e o Erasmo Carlos, ou seja, foram três gerações diferentes dividindo o mesmo palco. Foi maravilhoso No primeiro sábado a Rita Lee tocou com o Tutti Frutti, mas o show não foi lá grande coisa e o som estava horrível. Pelo menos não choveu e ninguém foi preso

pZ - *E aquele dilúvio que desabou no segundo sábado do Festival?*

NM – O público compareceu em peso para ver Os Mutantes e o Veludo. O som estava bem melhor e todo mundo estava curtindo até cair um tremendo temporal e acabar com tudo A cobertura do palco desabou e precisamos interromper tudo após cerca de uma hora de som. .

pZ – *O Festival De Águas Claras que aconteceu na mesma época, no interior de São Paulo, chegou a ser um grande concorrente do Hollywood Rock?*

NM – Não vejo por esse lado. Naquela altura, qualquer Festival de Rock ao ar livre seria muito bem vindo e aguardado com ansiedade pelo público Era um tipo de coisa inimaginável, que ainda não existia no Brasil Monetariamente as conseqüências foram parecidas, ou seja, um desastre total

pZ – *O disco lançado pela Polydor do Hollywood Rock foi um verdadeiro fiasco, pois as gravações não foram extraídas do Festival. Você tem os tapes originais do festival e pretende colocar isso a disposição algum dia?*

NM – Pois é, eles lançaram uma coletânea com os artistas envolvidos no festival, mas nada ali era ao vivo. Eu não tenho os tapes e também não tenho a menor idéia aonde foi parar isso e se alguém ainda tiver, o som provavelmente é uma merda!

pZ – *Como o LP original é um bocado raro e uma verdadeira "trapaça", rola uma pirataria por aí trazendo o áudio extraído do filme Ritmo Alucinante ..*

NM – (interrompendo) O áudio do filme também é uma merda!

pZ – *Só uma curiosidade que sempre quis te perguntar, você ainda tem aqueles tapes exibidos no Sábado Som da Rede Globo, assim como o show do Alice Cooper no Teatro Nacional do Rio? Sempre rolou um boato que você tem tudo isso guardado a sete chaves no porão da sua casa...*

NM – Não tenho nada comigo, é tudo conversa. .

OHIO EXPRESS

Yummy Yummy Yummy – setembro de 1968
Chewy Chewy – maio de 1969

Talvez o mais importante expoente do Bubblegum, estilo musical que grudava que nem chiclete nas mentes adolescentes dos anos 60. The Rare Breed e Sir Timothy and the Royals remetem a uma era pré-Ohio Express, até que a super dupla poderosa de produtores, Jerry Kasenetz e Jeffrey Katz, resolvem adotar e renomear aquele tímido grupelho de Rock.

A banda de Masnfield, Ohio, se aventurou num estúdio em 1966 (ainda com o nome de Rare Breed) e de lá saiu com um álbum *Beg, Borrow And Steal*, que só seria lançado dois anos depois, em 1968, com a seguinte formação: Dale Powers e Doug Grassel nas guitarras, Dean Kastran no baixo, Jim Pfayler nos teclados e Tim Corwin na bateria. Não demorou muito e Neil Bogart (sim, aquele mesmo que mais tarde se tornaria o mega-empresário do Kiss), então presidente da Buddah Records, ofereceu um contrato para os rapazes, impondo um funcionário de sua gravadora para cuidar das composições e vocais da banda, Joey Levine. A partir daí o Ohio Express passou a ser considerado um super grupo do estilo Bubblegum.

O segundo álbum, simplesmente intitulado *Ohio Express*, também lançado em 1968, trazia a canção 'Yummy Yummy Yummy', que rapidamente colocou a banda no topo das paradas dos dois lados do Atlântico. Além de ter sido um imenso sucesso no Brasil, a faixa até hoje é considerada o maior hino do estilo Bubblegum!

A banda apostava em nuances atraentes no seu som, como suaves toques psicodélicos e até uma modesta, porém autêntica "pegada garageira", o que infelizmente passou despercebido do grande público, ávido logicamente por hits mais superficiais e ingênuos. Um pessoal movido estritamente pelos singles, que raramente ouvia o lado B do disquinho, o que dirá, então, o LP inteiro...

Em 1969 o grupo emplaca mais um grande sucesso, 'Chewy Chewy', carro chefe de um álbum de mesmo nome, novamente criado sobre a alcunha de Joey Levine, compondo tudo ao lado de Kasenetz e Katz. Ainda em 1969 lançam o LP *Mercy*, que passou batido com exceção da faixa-título. Um último "gostinho" de sucesso pinta com o compacto 'Sausalito (Is the Place to Go)' que trazia ninguém menos do que o gênio Grahan Gouldman nos vocais. Gouldman foi um dos principais hit-makers dos anos 60 e depois liderou a banda 10CC na década seguinte. Aos trancos e barrancos, sem nenhum resquício de sua fase áurea o grupo duraria até 1972, quando o mundo da música girava em outra rotação. Recentemente uma versão duvidosa do Ohio Express voltou à ativa, contando somente com o baterista Tin Corwin de membro original.

THE IDES OF MARCH

Vehicle – maio de 1970

Jim Peterik pode ser considerado um cara de sorte. Nascido em Berwyn, Illinois, começou cedo, compondo, cantando, tocando guitarra e teclados. Em 1964, formou o The Renegades que depois de algum tempo passou a chamar The Shondels. No repertório muito Beatles e um compacto para 'No Two Ways About It', com 'Like It or Lump It' no lado B.

Quando Peterik ingressou na Universidade, sua banda mudaria novamente de nome, dessa vez para The Ides Of March. No período que compreendeu os anos de 1966 e 1967 a banda apostava num som moldado no Rock inglês e lançou cinco compactos pela estampa Parrot Records, uma subsidiária da London (notá é justamente essa fase que aparece no CD *Ideology*, lançado pela gravadora Sundazed).

Num belo dia de 1968, Peterik resolveu radicalizar e reformular sua banda. O primeiro passo foi adicionar um naipe de metais, ampliando os horizontes musicais da rapaziada. O novo estilo adotado por eles começava a despontar na América com bandas como o Blood Sweat & Tears, Chicago, Chase e muitas outras. A formação passava a ser Jim Peterik vocais e guitarra, Larry Millas nos teclados, baixo, guitarra e vocais, Michael Borch na bateria e vocais, Bob Bergland no baixo, sax e vocais, Ray Herr na guitarra, baixo e vocais, John Larson e Chuck Soumar nos trompetes.

Em março de 1970, com a poderosa Warner bancando tudo, o Ides Of March entra no Columbia Studios, em Chicago e grava seu primeiro álbum – *Vehicle*. A faixa título é lançada como single dois meses depois e vai direto para o segundo posto da Billboard. As vendas milionárias do single somada a elogios calorosos de gente como Sly Stone, acabam puxando também o álbum, que mostrava a banda azeitada no ponto, fazendo interessantes releituras para clássicos como 'Wooden Ships', (Crosby Stills & Nash) e Dharma For One (Jethro Tull) juntas numa mesma viagem do grupo e mais uma tal de 'Symphony For Eleanor', uma versão progressiva para 'Eleanor Rigby' (não precisa nem dizer de quem, não é?) ..A banda ainda lançaria mais três álbuns: *Common Bond* (71), *World Woven* (72), *Midnight Oil* (73) até se dissolver em 1974. Abalado porém ainda confiante, Jim Peterik passou a integrar a banda Chase, logo após a morte trágica do líder Bill Chase e mais dois integrantes num acidente aéreo, em agosto de 1974.

Em 1978, Peterik forma ao lado do vocalista Dave Bickler, a banda preferida de Sylvester Stallone, o Survivor, que fana muito sucesso nos anos 80 com temas para os filmes de Rocky Balboa, como 'Eye of The Tiger' e 'Burning Heart', entre outras. Além do Survivor, Peterik continuou compondo para bandas como o 38 Special. Basta lembrar que o rapaz é co-autor dos maiores hits deles como 'Hold On Loosely' e 'Caught Up In You'.

Em 1986 ele abandonou o Survivor e voltou com o Ides Of March, lançando dois álbuns já na década de 90. Peterik ainda arranjou tempo para participar do disco *Imagination*, de Brian Wilson, em 1998, compondo e tocando na banda do líder dos Beach Boys. Em 2000, saí o CD *Jim Peterik and World Stage*, com interessantes participações do pessoal do Cheap Trick, Lynyrd Skynyrd, 38 Special, Styx, e até Buddy Guy, detonando numa versão para 'Vehicle'. O Ides Of March continua na estrada, prova maior disso é o registro duplo ao vivo, lançado em 2002, com o título *Beware! The Ides Of March Live*.

PENNY LANE DISCOS
www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br
Psicodélico - Rock Progressivo
Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard
Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels. (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

opus discos
Vinil e CD's
opus46@bol.com.br
Atendemos todo o Brasil via correio
Pç. Osorio, 333, lj. 46, gal. do Comércio - Curitiba/PR - F: 41-233-2583

ROCK IN RIO 1985

Há exatos 20 anos, todos os brasileiros pareciam mesmo andar "todos numa direção, uma só voz, uma canção..." Quem não se lembra da música tema da primeira edição do Rock In Rio, de janeiro de 1985?

O Brasil saía de uma ditadura militar de mais de 20 anos, graças à eleição (pela oposição) de Tancredo Neves, nosso primeiro presidente civil em muito tempo. Simultaneamente, em Jacarepaguá, Rio De Janeiro, um festival de Rock de proporções nunca vistas antes chamava a atenção de todo o mundo para o nosso recém redemocratizado Brasil.

A verdade é que tínhamos uma péssima fama com artistas estrangeiros. Turnês do Van Halen, Kiss, Alice Cooper e Queen por aqui tinham sido sucesso de público, mas foram também cenário para picaretagens grandiosas por parte de nossa alfândega. A aparelhagem dos gringos nunca voltava com eles..Sem contar os cachês, que raramente eram acertados como combinado ..

Graças ao empresário da Artplan, Roberto Medina, essa imagem mudou. Medina peitou todas as adversidades (Brizola e Nostradamus, entre as principais), bolou a idéia do Rock In Rio e saiu vendendo seu peixe mundo afora. E olha que a idéia do rapaz não era nada modesta: a Cidade do Rock teria 500 mil metros quadrados de área total, mini-shoppings, heliportos e um palco com base giratória que comportava três palcos distintos, cada um com 80 metros de boca de cena, um cenário inédito, até então.

Com um cast de fazer inveja a qualquer festival inglês ou norte-americano, o Rock In Rio foi um divisor de águas na música brasileira.

Nomes como Queen, Yes, Iron Maiden, AC/DC, Scorpions, Whitesnake, Ozzy Osbourne e Rod Stewart, fizeram a festa da geração 80. Do lado brasileiro: Rita Lee, Pepeu e Baby, Kid Abelha, Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso (debutando em alto estilo), Blitz (o conjunto mais famoso do Brasil àquela altura), Ney Matogrosso, Erasmo Carlos (apedrejado pelos 'metaleiros') Gilberto Gil, Ivan Lins, etc.

Foi um desbunde, o nosso capenga showbizz sendo apresentado via satélite para mais de 60 países!

Enganações como Nina Hagen, Go-Go's e B-52's também marcaram presença, encantando apenas as crianças e retardatários seguidores da New Wave, que assistiam o festival pela TV na companhia da vovó.

Graças à Rede Globo, principal patrocinadora do evento, o Rock virou mania nacional.

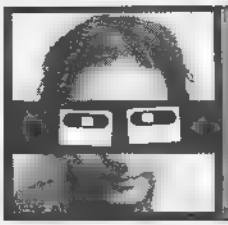
O Rock In Rio também conseguiu a proeza de reerguer um decadente e desiludido James Taylor, que relutou bastante em abandonar sua vida no campo e topar o convite para tocar no festival. Taylor tocou para o maior público dos 10 dias de festival, mais de 250 mil pessoas, que o consagraram.

Milagres que só o Brasil pode proporcionar.

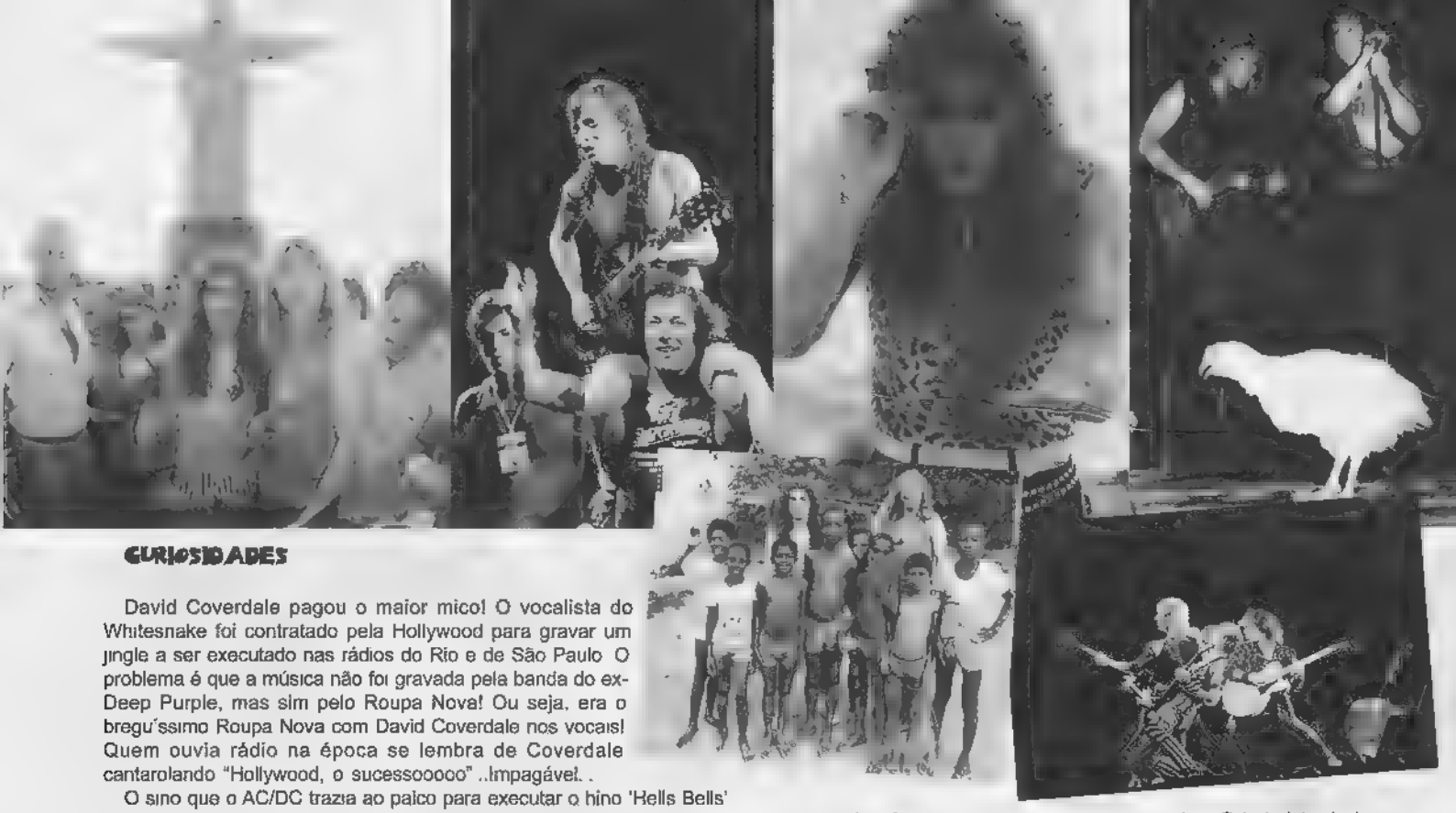
MUSEU DO VINIL
LP'S e CD's
Telefones 5062 6387 6915 8456
Rua Cisplatina, 502 - Ipiranga - São Paulo - SP

APFEL
www.apfel.com.br
Restaurante Vegetariano
Centro Rua Dom José de Barros, 99
Esquina com a Barão de Itapetininga
Jardins Rua Bela Cintra, 1343
Entre a Alameda Jaú e a Alameda Santos

HIPLACE
O Melhor Lugar da Internet!
www.hiplace.com
confira no Hiplace um especial sobre os 20 anos do primeiro Rock In Rio



SENSORIAL DISCOS
11 3333*1914
www.sensorialdiscos.com.br
Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta
Loja 07 - São Paulo - SP



CURIOSIDADES

David Coverdale pagou o maior mico! O vocalista do Whitesnake foi contratado pela Hollywood para gravar um jingle a ser executado nas rádios do Rio e de São Paulo. O problema é que a música não foi gravada pela banda do ex-Deep Purple, mas sim pelo Roupa Nova! Ou seja, era o bregu'ssimo Roupa Nova com David Coverdale nos vocais! Quem ouvia rádio na época se lembra de Coverdale cantarolando "Hollywood, o sucessooooo" ..Impagável. .

O sino que o AC/DC trazia ao palco para executar o hino 'Hells Bells' era de gesso! Pode reparar que Brian Johnson finge que bate no sino mas na verdade ele só chega perto, enquanto o som do sino ecoava nos PA's da cidade do Rock. O verdadeiro sino de bronze, de uma tonelada e meia, foi liberado com muito custo pela alfândega brasileira a tempo do show, mas a estrutura do palco talvez não suportasse o peso do adereço. O jeito foi improvisar..

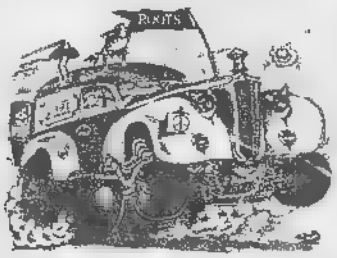
Ozzy foi uma das atrações que mais chamaram a atenção do Festival! Idolatrado e temido pela molecada, o balofo Ozzy veio careta e frustrou todo mundo. Todos esperavam que ele comesse pelo menos um morceguinho. Boatos diziam que em homenagem ao Brasil ele comeria um papagaio e um tucano. .Santa barbandade...Durante seu segundo show no Rock In Rio jogaram até uma galinha viva no palco! Ozzy se aproximou e fez carinho na galinha. Mas Mr. Madman foi fiel à suas raízes e mandou ver numa bandeja de frutas de um despacho de Macumba! O vocalista estava passeando pelo Rio e nas imediações do Corcovado encontrou a oferenda. Estava faminto e mandou tudo pra dentro, achando que tudo aquilo era um presente dos fãs que sabiam que ele passaria por lá. .

Muita putaria foi o que rolou nos bastidores do Rock In Rio. Os gringos estavam pirando com nossas groupies-popozudas. O baterista do Iron Maiden, Nicko Mcbrain, voltava sempre com uma garota diferente para seu quarto no Copacabana Palace. Certo dia o cara foi numa dancetería e voltou com três! O pessoal do Whitesnake não ficou atrás, o baixista Neil Murray andava sempre cercado das moças e David Coverdale beijava todas suas admiradoras na boca! Diziam que nem as coroas escapavam...

Rod Stewart ficou com fama de pão duro. Nos restaurantes e bares da cidade ele sempre queria sair sem pagar. Numa tarde, a banda do vocalista consumiu tanta caipirinha que o valor assustou Rod. Quem resolvia tudo era assistente pessoal, um tal de Don Archell. Meia hora antes do show, Rod Stewart exigiu 70 toalhas brancas no camarim! Roberto Medina saiu desesperado pelos motéis da Barra da Tijuca atrás das benditas toalhas.

- Quem borrou as calças literalmente foi Bruce Dickinson do Iron Maiden. Depois do festival numa entrevista à imprensa britânica, o vocalista afirmou que durante o show do Maiden, um tiroteio acontecia atrás do palco! A banda só escutava os disparos e estava completamente sem saber o que estava acontecendo. .Aí ás quem andava armado eram os seguranças de Pepeu Gomes! Quem ousasse em tirar o músico do palco antes da hora levava um suave "Mexeu com ele vai morrer!" na orelha.

ROOTS RECORDS



www.rootsrecords.com.br

CD's - DVD's - LP's - VHS
Camisetas e Acessórios

Entregamos para todo o Brasil

Rua Felipe Schmidt 249
loja 204 - 2° piso - Ed. ARS
Fone: (48) 222-1134
Florianópolis - SC

www.aqualung.com.br

Aqualung
Records LTDA.
Audio e Vídeo

HARD - PROGRESSIVO - JAZZ ROCK
PSICODÉLICO - ROCK 60 E 70

Enviamos para todo o Brasil via correio

Loja 1: Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Loja 305 - Fone/Fax: (11) 222-0284
Loja 2: EM&T - Andar Térreo - Fone: (11) 5011-8898 e-mail aqualung@aqualung.com.br

Magnólio o Bill Grahan brasileiro

fotos: Toni De Gomes

Passados trinta anos, Magnólio continua figuraça e com pinta de moleque. Atualmente morando em Santarém e fanático, como sempre, pelo bom e velho Rock, o cara não pára um instante. Agitador cultural, organizador de shows, professor, palhaço de circo, palestrante e atuante no que diz respeito às questões ambientais, Magnólio foi e é um pouco disso tudo. Apresentava as bandas no palco sempre vestido de anjo, o que deixava a galera alucinada...
Se tem alguém no nosso cenário que pode ser comparado com o mega promotor de Shows norte-americano Bill Grahan, esse alguém é o Magnólio. Se lá Bill Grahan agitava os Fillmores, o Winterland Ballroom, o Day Of The Green Festival e muitos outros, por aqui nós tivemos nossos dias de glória com os Festivais ao ar livre do Parque do Ibirapuera e com a lendária Tenda Do Calvário, o primeiro teatro "exclusivamente Rock" do Brasil.
Apresento a vocês o culpado de todo esse barulho...

***pZ** – Como você ingressou no mundo do Rock?*

Magnólio - O meu padrasto tinha montado uma agência de propaganda porque achava que eu levava jeito para a coisa Ele me colocou para trabalhar em todas as funções: office boy, porteiro, redator, fotolito, arte-final, etc. Eu comecei a viajar numas idéias e bolei uma propaganda para os carros de táxi. Daí para os shows de Rock foi um passo. Os shows seriam um ótimo veículo para se chegar à juventude, ao público jovem, e nada melhor do que o Rock para criar essa ponte

***pZ** – Mas o Rock, principalmente os Festivais, tinham um algo a mais que sempre atraía, não é?*

Magnólio - Esses Festivais dos anos 70 era a nossa contra-cultura querendo bradar contra o mundo violento da Ditadura Nós vivíamos com conteúdo. Tínhamos argumento, sabíamos levar o lance, sempre com muita inspiração. Esse era o segredo. Sempre havia os interesses comerciais, mas os interesses reais, aquele lance da crença e da necessidade da moçada se unir num só pensamento, sempre sobressaíam Eu sempre fui professor, educador por natureza. O conhecimento é patrimônio da humanidade, então eu nunca liguei de ensinar Rock para as pessoas. Eu já ensinei as pessoas a como distribuir um folheto, a fazer um folheto, um cartaz, etc

***pZ** – Qual foi o primeiro Festival que você organizou?*

Magnólio - O primeiro que eu fiz foi o Festival do Cometa Kohoutec, que era um cometa super aguardado e temido, falavam que ele ia cair na Terra! Resolvi marcar o show no dia 23 de dezembro de 1973, pois eu sabia que todo mundo estaria na cidade para passar o Natal com a família, ao contrário do Reveillon, onde todo mundo se manda da cidade. .Faltava só a logo-marca do Festival Um belo dia eu estava tomando banho e olhei para o ralo, que estava quebrado. Ali se formava perfeitamente a letra K (de Kohoutec) com aquele famoso símbolo da paz, não deu outra...Naquela ocasião tocaram o Som Nosso De Cada Dia, Mutantes. Made In Brazil, Scaladácida e o Pêndulo Mágico, que era lindo, o melhor conjunto que já pintou no Brasil No ano seguinte, 1974, realizamos outro Festival histórico no Ibirapuera, que foi o Festival do Palco

CLASSIC ROCK
CD'S LP'S VIDEOS
Rua dos Andradas, 1444 - sala 31
GALERIA CHAVES
Fone/Fax: (0xx51) 3227.5911
Porto Alegre - RS - Brasil

CLUBE DE CAMPO MAIRIPORÃ
Music Bar
Música Ao Vivo sempre com as melhores bandas de Classic Rock, Blues e MPB
Rod. Fernão Dias - Km 65,3
(11) 4604-3388 / 9429-2242

FLOWER POWER records
www.flowerpowerrecords.com.br
CD's, DVD's e Vinis
Progressivo - Psicodelia - Hard Beat - Mod - R & B - Soul - Jazz Blues - Rock - MPB
Raridades em geral
TRABALHAMOS COM ENCOMENDAS
ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL
Fone: (48) 224-6656
Rua Tenente Silveira, 111, 3º andar
loja 303 - Shopping Parthenon II
CEP 88010-300 - Florianópolis - SC
flowerpowerrecords@yahoo.com.br

Flutuante, onde montamos um palco que boiava sobre o lago do Ibirapuera. Lá tocaram o Zé Rodrix, o Som Nosso De Cada Dia, Made In Brazil e outros

pZ – Como pintou a idéia de você ser o apresentador das bandas? E de onde veio a fantasia de anjinho?

Magnólio - Eu convidei o My God, o famoso Meu Deus, para apresentar o show, um cara muito famoso na época, ele era manager do grupo Dzi Croquetes e dono do Be Bop A Lula (famosa casa noturna da época). Mas o God estava muito doente e não pôde ir, então eu acabei topando o desafio de apresentar o Festival. Fui pra casa arrumar uma roupa, acabei vestindo uma túnica de uma amiga e peguei uma asinha de anjo, daquelas típicas de primeira comunhão de uma filha do meu vizinho. Fiz uma auréola para completar e me mandei para o Ibirapuera (risos). Desde esse dia passei a apresentar os festivais com essa fantasia.

pZ – Conte como rolou o convite para você ser o apresentador oficial do primeiro Festival de Águas Claras, em Iacanga?

Magnólio - Eu e o Leivinha (organizador do Festival) fazíamos faculdade de Direito juntos. Lá tinha a moçada da Polícia, que eram escrivões, detetives, que tentavam estudar Direito para serem delegados e tudo mais. Tinha os caretas mauricinhos e nós, os doidões do movimento estudantil. A gente já queria misturar tudo: MPB com Rock, a riqueza da Tropicália e tudo mais ..Depois o Leivinha me falou sobre o Festival de Iacanga e comentou que ele (o Festival) só seria completo se o apresentador fosse alguém facilmente identificado pela platéia, foi aí que eu entrei nessa história. Sempre fui um cara muito disponível, a palavra "não" realmente não existe no meu vocabulário. Tinha também o fato de que pra mim era interessante aparecer no evento. Foi relax, pois eu coleí no cara da revista *Violão e Guitarra*, que estava lá com um trailler, ele era o "Barão" do Festival de Iacanga, então eu ia lá, tomava banho, tudo na maior mordomia.

pZ – E as lembranças do Festival em si?

Magnólio - Muita gente coloca os Festivais de Rock fora de um contexto cultural. A questão ambiental já era muito importante na época. O Festival de Águas Claras também foi um grito de alerta da juventude com relação ao meio ambiente e não uma simples bagunça.

pZ – E as históricas noites de "Rock Bandido" na Tenda do Calvário, como era essa época?

Magnólio - Depois do terceiro Festival do Ibirapuera passei a idealizar um teatro só meu, onde eu pudesse fazer o que quisesse. Ao lado da Igreja do Calvário (no bairro de Pinheiros, aqui em São Paulo) tinha um Cinema desativado e fui falar com o Padre. Propus uma idéia de fazer teatro ali naquele local. Meu escritório era no topo da torre da Igreja e de 50 em 50 minutos eu precisava descer porque o sino tocava e era um barulho ensurdecedor. Bem na estréia, com o show dos Mutantes, a polícia baixou lá, fechou tudo e levou todo mundo em cana. No dia seguinte a manchete no jornal era: "Hippies invadem a Igreja e a transformam em QG do LSD"! Demorou para cair a ficha dos policiais, como eu era advogado os caras queriam que eu fosse testemunha do flagrante. Lá dentro acabaram descobrindo que eu era o organizador daquilo tudo e eles ficaram malucos! Naquela época o Erasmo Dias era Secretário da Segurança Pública, então ele precisava realizar uma prisão de realce, que desse uma grande repercussão. Tinha um cara lá dentro que estava carregando nove tabletes de ácido (nota: esse cara era o Cokinho ex-integrante da Patrulha do Espaço) e quando o caldo entornou, ele tomou todos, acabando com a prova do crime.

pZ – Mas depois a Tenda do Calvário chegou a ser um dos principais points roqueiros da cidade .

Magnólio - Nós da Tenda do Calvário tínhamos uma turma, "Os Tendeiros", que era o pessoal da minha produtora. Nós íamos em todos os shows e pintávamos nossos olhos com uma pintura marroquina, tínhamos um olhar especial.

pZ – Você chegou a ter um trampo careta quando a Tenda fechou as cortinas?

Magnólio - Na minha vida eu trabalhei com muito careta bunda mole, mas de repente me enchi e fui fazer só shows com os malditos. Walter Franco, Jorge Mautner e outros.
Pouca gente sabe, mas depois do sucesso que foi a passagem do Alice Cooper por aqui, eu queria trazer o Black Sabbath para o Brasil e estava até agitando isso com um empresário na Inglaterra. Outro grupo que quase rolou foi o Black Oak Arkansas, mas acabou não dando certo na última hora (risos) ..

DISCONEXUS
www.disconexus.com.br
CDs Novos & Usados
Pop - Rock - MPB
Jazz - Instrumental
Alternativos e Independentes
Compra - Venda - Troca
Fone/Fax: 3081-7664
Rua da Consolação, 2682
(entre as Alamedas Santos e Jaú)

Empório Das Letras
discos - cds - livros - gibis
usados e raros - compra e venda
Rua Antônio Raposo, 226 - Lapa
Tel: (11) 3831-4899
Av. Mazzei, 253 - Tucuruvi
Tel: (11) 6204-3270
Av. Pe. Antônio José dos Santos, 1208
Brooklin - Tel: (11) 5506-0483

Riva Rock Discos
Uma boa opção para quem procura qualidade e variedade
Grande acervo de Cd´s, Lp's, Vhs, Dvd´s, Camisetas, Bandeiras, Moletons, etc...
ROCK EM GERAL
TODAS AS ÉPOCAS E ESTILOS
E também JAZZ, REGGAE, BLUES, BLACK MUSIC (nac/int), MB (Música Brasileira)
www.rivarock.com.br
RUA LUZITANA, 1498
CENTRO F:(19) 3237-4945
CAMPINAS - SP- BRASIL

Faculdade Souza Lima & Berklee

Faculdade Internacional Livre de Música do Brasil

Reconhecida pela Berklee - EUA

Cursos regulares de 2 anos, com direito a transferência de créditos para a Berklee College of Music / Boston - USA

Diploma Universitário Internacional (Degree) ou Certificado

Não perca!

PROCESSO SELETIVO EXCLUSIVO:

- **Prova teórica: dia 16/07**
- **Prova prática: dia 17/07**
- **Matrículas até dia 20/07/2005**
- **Inicio do curso: 01/08/2005**

Berklee College of Music

- **Após 2 anos de curso, Diploma de Curso Técnico, reconhecido pela Secretaria de Educação**
- **Participação nas audições anuais para obter Bolsas de Estudo da Berklee - EUA**

Mike Stern, Bill Frisell, Phil Collins, Branford Marsalis, Quincy Jones, John Scofield, Nelson Ayres, Gary Burton, Diana Krall, Wayne Krantz, Joe Lovano, Luciana Souza são alguns dos nomes que passaram pela Berklee College of Music

Não perca tempo, economize mais de U$ 35.000 e faça a faculdade de música dos seus sonhos

www.souzalima.com.br

Jardins: R. José Maria Lisboa, 745 - São Paulo - SP - Fone: (11) 3884-9149 / Fax: (11) 3884-7611

Alphaville: Alameda Araguaia 272 - loja 7 - Ventura Mall - SP - Fone: (11) 4195 6348

DESIGNER - 11 3888-2592

João Pacheco

A cada edição traremos um colecionador diferente, abordando suas manias, suas preciosidades e muitos detalhes sobre o mundo do disco

poeira Zine *– Quantos discos você tem?*

João Pacheco – Ao todo são 6.000 LPs.

pZ *– Quais estilos musicais você coleciona?*

JP – Eu brinco que, de Mozart a Sex Pistols, eu tenho tudo! Mas não é bem assim. A maioria é Rock voltado para os anos 60 e 70. Curto muito Folk, Progressivo, alguma coisa de MPB e também anos 80. Tenho até alguma coisa de Jazz e Soul, mas o forte definitivamente é Rock.

pZ *– Quais os mais raros?*

JP – De cabeça é difícil de dizer, mas dos nacionais o Módulo 1000, o primeiro do Terço, A Bolha, *Paêbiru*, do Lula Cortes e Zé Ramalho, Marconi Notaro, Satwa, Bango, todos originais. Dos internacionais posso citar o Black Cat Bones, Parlous Band, bootlegs do Neil Young, todos do Free e muito Folk.

pZ *– Qual a ordem em que você guarda os discos?*

JP – Só divido entre bandas e artistas nacionais e estrangeiros. Não faço uma divisão por estilos. A ordem tem que ser Alfabética rigorosa, de A a Z e na ordem cronológica dos lançamentos.

pZ *– Qual foi o primeiro disco que você comprou?*

JP – Putz, já faz mais de 20 anos e é bem difícil lembrar. Provavelmente, os primeiros que eu comprei foram os Genesis da fase Peter Gabriel, que comprei todos usadinhos lá na Woop Boop (finada loja do centro de São Paulo). Agora, o primeiro contato com os discos foi quando ganhei de presente o *Live Killers*, do Queen, disco que curiosamente eu não tenho hoje.

pZ *– E qual a última aquisição interessante?*

JP – O último do Neil Young, *Greendale*. Eu adoro Neil Young e faço questão de pegar todos seus últimos lançamentos em vinil e em CD também. Essa edição do *Greendale* vem numa caixa que contém três LPs e um compacto com o vinil verde. Além de um atraente booklet e um adesivo. Em CD a última aquisição impactante foi o Box dos Faces com quatro CDs, chamada *Five Guys Walk Into A Bar*.

pZ *– Tem algum disco que já passou pela sua mão e você se arrepende até hoje de não ter ficado com ele? Ou mesmo ter visto algum por aí e na hora não ter levado?*

JP – O primeiro do Shadows Of Knight, que eu vi de um cara que estava vendendo uns discos num caixote no chão. O cara ia ficar o dia inteiro ali no local e eu deixei para pegar depois, mais no fim do dia... Quando voltei, ele já tinha vendido o disco! Até hoje esse disco não apareceu mais na minha mão...

pZ *– Onde se acha os melhores discos (preço e bom estado)?*

JP – Nas feiras e em compras particulares. No centro da cidade eu já não acho mais nada. Os melhores "achados" são de lotes avaliados na própria casa de quem está querendo vender os discos. Não tenho saco para ficar comprando LPs em leilões do Ebay.

pZ *– Qual a melhor prensagem de disco de vinil? E qual o selo que mais impressiona?*

JP – A melhor prensagem é a inglesa, sem sombra de dúvida. Eu gosto também da alemã, mas depende muito da gravadora. A japonesa também é ótima, mas geralmente são relançamentos.
O selo da Vertigo é o que eu mais gosto. Cada vez que pego um disco com aquele selo eu ouço com atenção. Os selos da Harvest e da Deram também são legais.

pZ *– Quais os cinco LPs para levar para a Ilha Deserta?*

JP – Bom, eu provavelmente iria morrer de tédio passando o resto dos meus dias só com cinco LPs pra ouvir (risos)! Mas já que você insiste... Primeiramente teria que ter eletricidade na Ilha, para ligar a vitrola e os discos teriam que ficar num abrigo, longe do Sol, senão iria empenar tudo (risos)!
Bom, aí vai: 1) Love - *Forever Changes*, 2) Beach Boys - *Pet Sounds*, 3) Neil Young - *Everybody Knows This Is Nowhere*, 4) Van Morrison - *Astral Weeks* e 5) Nick Drake - *Bryter Layter*.

pZ *– Por que o Vinil é melhor que o CD?*

JP – O CD foi importante para o colecionador de vinil. Através dele pudemos descobrir várias bandas que nem imaginávamos terem existido. O problema é que o CD não tem 'peso'. Tendo uma boa cápsula e aparelhagem não tem CD que chegue ao som do Vinil. No quesito 'arte', então nem se fale. As capas dos LPs são lindas, algumas verdadeiras obras de arte. O vinil é bem mais difícil de manusear e de guardar, tem chiado, desgasta com o uso, mas eu não o troco por nada. E ainda tem aquele famoso cheirinho que é irresistível! E pode reparar que o cheiro do importado é diferente do nacional (risos)...

"Eu era mais feliz quando eu tinha menos discos! O tempo era maior e eu conseguia escutar cada disco com atenção redobrada...Hoje eu tenho uma fila de mais de 1000 discos para ouvir, parece até um compromisso (risos)."

Seboland

Compra e Venda

LP's e CD's Usados

Enviamos para todo o Brasil via correio

Av. Inconfidência Mineira, 1390 - fone: (11) 3455-5667
Vila Carrão - São Paulo - SP

SEBOSSAURO Discos

Compra & Venda
Todos os Gêneros

Atendemos via correio para todo o Brasil

LP's - CD's - DVD's - Fitas - Revistas - Etc.

Av. Rio das Pedras, 180 (Próximo ao Terminal Vl.Carrão)
São Paulo/SP - Cep:03452-000 - Fone: (11) 6785-5566 / 9850-2719

COLLECTORS Rock Fair

LPs - CDs - VHS - DVDs - Livros - Gibis

Importados - Raros - Fora de catálogo
compra - venda - troca

Camisetas - surf ware - skate e acessórios

Av. Jabaquara, 973, sobreloja - Pça da Árvore - São Paulo - SP

ROCKER COMICS

CD's - LP's - VHS - Camisetas - Revistas - Gibis
Hard - Heavy - Classic Rock

Iguaçu Center
Av. Mal. Floriano Peixoto, 1480 - Lj. 112 - Centro - N. Iguaçu - RJ
Telefax: (21) 2768-1009 / 9877-4097 - jorgerocker@pop.com.br

ARAÇÁ AZUL
Cds

Especializada em
MPB e Rock Nacional

Tel: (11) 3337-7605
Rua 24 de Maio, 62 - 2° andar - Loja 307
São Paulo - SP

CONFEITARIA

Bolos - Doces - Salgados

Aceitamos encomendas para festas !

3885-8878
3887-9319
3887-4486

SÃO GABRIEL

Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

FREEDOM
sua liberdade de escolha

www.freedomdiscos.com.br

CD's - DVD's - LP's (Novos e Usados)
Camisetas e Miniaturas

Tel: (13) 3222-1400
Rua Oswaldo Cruz, 319, Lj.44 - Boqueirão - Santos - SP

MECHANIX CDs
Compra, Venda e Troca

fone: (11) 223-8101

Galeria do Rock
Rua 24 de maio, 62 - 1º andar - Loja 252
São Paulo - SP - CEP:01041-000
e-mail: robsonse@terra.com.br

Saticínios Nossa Boca

Fone/Fax: (11) 4412-8567

Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

FLOWERS

Cd's - VHS
DVD
Nacionals e Importados
USA - EUROPE - JAPAN

Record's Brazil

Progressive Rock, Hard Rock, Heavy Metal, Punk, Folk, Jazz, Blues, New Age, Reggae, Brit-Pop, Alternative Pop/Rock e o melhor da MPB

COMPRA - VENDA - TROCA

Praça Machado de Assis, 66 Lj. 139 - B. Vista - Recife PE
(por trás do cinema São Luiz) - Fone:(0xx81)3231.5846

e-mail: flowersrecordsbrazil@terra.com.br
Site: www.flowersrecords.com.br

Caixa Postal:333 CEP:50.010-970
Recife - PE

Å BÅRÅTÅ
LIBERDADE DE EXPRESSÃO E EXPRESSÃO DE LIBERDADE

5 ANOS! ROCK É ATITUDE!

Confira a coluna do Poeira em www.abarata.com.br/colunas/poeira

O mais completo site de Rock!

http://whiplash.net

ATUALIZADO DIARIAMENTE

Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

Studio Latitude

Sala com 24m² - Gravações ao vivo ou por canal - Ensaios - Produção musical - Spots - Jingles

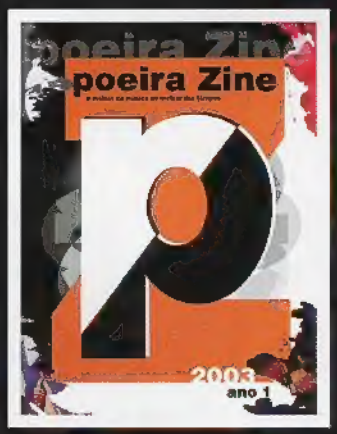
Gravação AO VIVO R$ 30,00/h

Gravação em PRO-TOOLS R$ 40,00/h

Rua Mauricio Francisco Klabin, 273 - Próximo ao metrô Vila Mariana - (11) 5083-3979 - 8244-5864

Profissionais formados pelo IAV, a melhor escola de áudio do país.

Complete sua coleção da poeira Zine enquanto é tempo

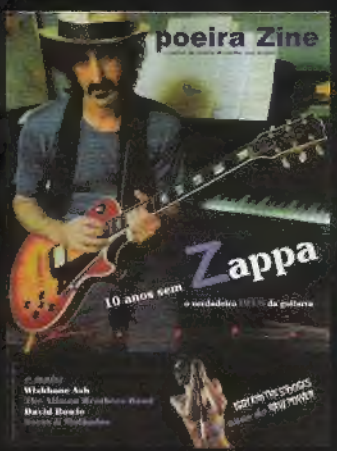


Encadernação em Xerox dos três primeiros números
Edição Limitada
R$25

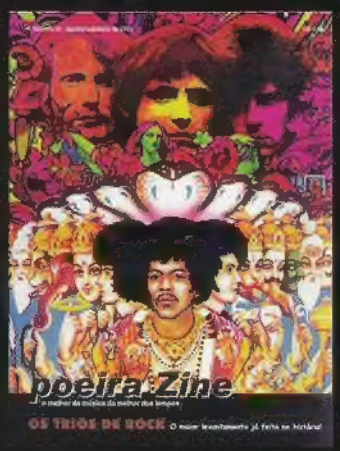
Lynyrd Skynyrd, The Who, Caravan, Jericho, Carro Bomba, Waltel Branco
número 6 - R$3

Alice Cooper Brasil 1974, Uriah Heep, Som Nosso, Psicodelia Nordestina
número 5 - R$3

Invasão Britânica, Nektar, Lanny Gordin, Rock Sulista, Gov't Mule
número 4 - R$3



Zappa, Wishbone Ash, Stooges, Allman Brothers
número 3 - R$3



Cream, Hendrix, Power Trios, Led, Neil Young
número 2 - esgotado

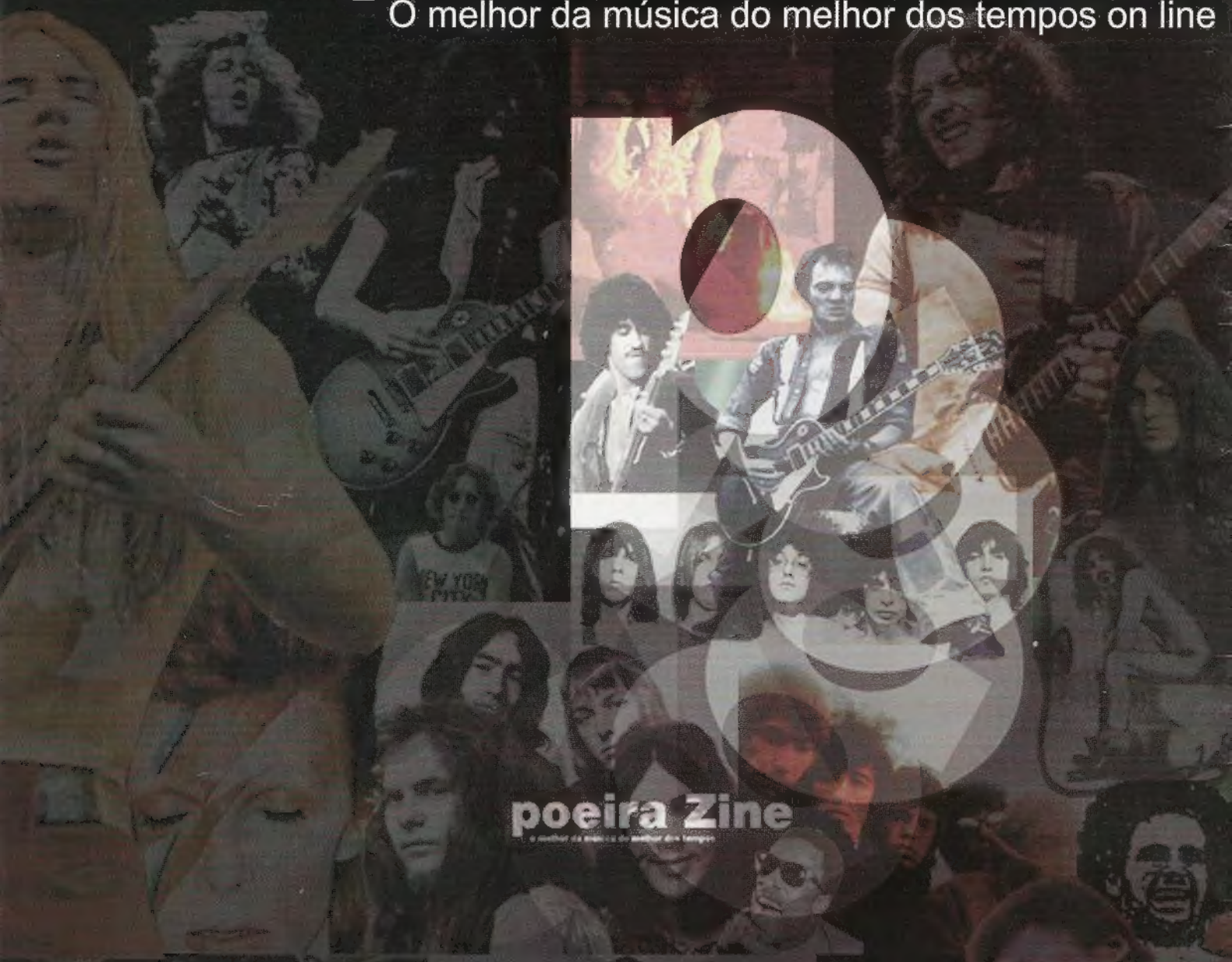
Grand Funk, Yes, Camel,Sly and The Family Stone
número 1 - esgotado

Status Quo, Thin Lizzy, Stones, Dr Feelgood, Zappa
número 0 - esgotado

Faça já o seu pedido pelo site (www.poeirazine.com), pelo fone (11) 9526-7947 ou nos pontos de venda

www.poeirazine.com

O melhor da música do melhor dos tempos on line



matérias exclusivas

textos inéditos que não pintaram na versão impressa
notícias do universo dos bons sons
fotos inéditas

participe

colabore com textos
poste suas mensagens
mande sugestões de pauta
cadastre-se on line

edições anteriores

acesse todas as edições da poeira Zine com extras

camisetas

estampas exclusivas de
bandas dos anos 60 e 70